



**A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MST:
DE CIRANDA EM CIRANDA APRENDENDO A CIRANDAR.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MST:
DE CIRANDA EM CIRANDA APRENDENDO A CIRANDAR**

NEIVA MARISA BIHAIN

Porto Alegre

2001

Neiva Marisa Bihain

**A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MST:
DE CIRANDA EM CIRANDA APRENDENDO A CIRANDAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Prof^ª. Dra. Carmem Maria Craidy

Porto Alegre

2001

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

... à professora Carmem Maria Craidy, pela orientação, paciência e carinho;

... à minha mãe Maria Radim Bihain, pelo exemplo de luta e perseverança;

... às minhas irmãs Vilma Bihain da Cruz e Otília Bihain, pela colaboração e ajuda;

... ao meu companheiro Jorge Augusto da Rocha, pelo apoio e colaboração;

... ao meu lindo filho, Carlos Augusto Bihain da Rocha pela ternura e amor.

RESUMO

Esta dissertação aborda a trajetória da Educação Infantil no MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, enfocando a Ciranda Infantil como espaço próprio da criança de zero a seis anos.

O texto parte de uma contextualização sobre o movimento social em questão, após enfocamos a história da Educação Infantil no MST, no que se refere ao processo desencadeado para a realização da escolha do nome Ciranda Infantil, bem como, sua organização nas diferentes instâncias do Movimento, enquanto as grandes atividades/ações desenvolvidas e a sua organização nas áreas de acampamentos e assentamentos. Considerando essas diversas realidades/necessidades do Movimento, destacamos as diferentes formas de organização das Cirandas Infantis, como: - Ciranda Infantil Itinerante, para as crianças que acompanham as ações do MST, tanto à nível nacional, como estaduais; - Ciranda Infantil Permanente, quando está organizada para atender um público mais fixo e com encontros freqüentes ; Ciranda Infantil Eventual, quando organizada para atender um público mais fixo, porém que a busca esporadicamente.

A pesquisa de campo aconteceu em dois momentos. A primeira pesquisa sobre as crianças de zero a seis anos, aconteceu em um acampamento com um grupo de vinte e seis crianças, entre um mês a seis anos. Este trabalho consistiu em inúmeras entrevistas com as mães e com as crianças, em muitas visitas nos barracos para acompanhar as suas atividades de rotina na cidade de Iona Pretas. Nesse acampamento, não havia nenhum processo constituído no campo da Ciranda Infantil, mas havia enorme necessidade de atendimento às crianças dessa faixa etária, como também, necessitava um acompanhamento especial para as mães grávidas e com bebês recém nascidos. O segundo trabalho foi um estudo de caso de uma Ciranda Infantil da Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita. O mesmo realizou-se em diversas visitas à cooperativa e aos seus dirigentes, às famílias das treze crianças pesquisadas e que freqüentavam a Ciranda Infantil e também em muitas visitas para registrar a rotina das crianças na Ciranda Infantil. A conquista da Ciranda Infantil, enquanto espaço dentro da cooperativa, é inquestionável. Todos afirmam a sua importância para deixar as crianças, seja para os pais trabalharem ou, em outras ocasiões, quando a família necessita. É um espaço de educação, onde se aprende a cuidar e a organizar os ambientes, a ter contato com diferentes materiais, como tesoura, cola, canetas, livros, folhas, interagindo com diferentes pessoas de diferentes faixas etárias, crianças e adultos.

RESUMEN

Esta disertación aborda la trayectoria de la Educación Infantil en el MST – Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra, enfocando la Ciranda Infantil como espacio propio del niño de cero a seis años.

El texto parte de una contextura sobre el movimiento social en cuestión, tras enfocar la historia de la Educación Infantil en el MST, en lo que se refiere al proceso desencadenado hacia la realización de la elección del nombre Ciranda Infantil, así como, su organización en las distintas instancias del Movimiento, como las grandes actividades/acciones desarrolladas y su organización en las áreas de campamentos y asentamientos. Considerando esas diversas realidades/necesidades del Movimiento, destacamos las distintas formas de organización de las Cirandas Infantiles como: Ciranda Infantil Itinerante, para los niños que acompañan las acciones del MST, tanto a nivel nacional como estadual; Ciranda Infantil Permanente, cuando está organizada para atender a un público más fijo y con encuentros frecuentes; Ciranda Infantil Eventual, cuando organizada para atender a un público más fijo, pero que la busca esporádicamente.

La investigación sucedió en dos momentos. La primera investigación sobre los niños de cero a seis años ocurrió en un campamento con un grupo de veintiseis niños, entre un mes y seis años. Este trabajo consistió en innumerables entrevistas con las madres y con los niños, en muchas visitas a las chabolas para acompañar sus actividades de rutina, en la ciudad de lonas negras. En esse campamento no había ningún proceso constituido en el campo de la Ciranda Infantil, pero había enorme necesidad de atendimento a los niños de esa franja de edad, como también, se necesitaba un acompañamiento especial para las madres embarazadas y con criaturas recién nacidas. El segundo trabajo fue un estudio de caso de una Ciranda Infantil de la Cooperativa de Producción Agropecuaria Nova Santa Rita. Este se realizó tras muchas visitas a la cooperativa y a sus dirigentes, a las familias de los treze niños investigados y que frecuentaban la Ciranda Infantil y también tras varias visitas para apuntar la rutina de los niños en la Ciranda Infantil. La conquista de la Ciranda Infantil, como espacio dentro de la cooperativa, es incuestionable. Todos afirman su importancia para dejar los niños, sea para que los padres trabajen o, para en otras ocasiones, cuando la familia lo necesita. Es un espacio de educación, donde se aprende a ciudar y organizar los ambientes, a tener contacto con diferentes materiales, como tijeras, pegamento, bolígrafos, libros, hojas, interaccionando con distintas personas de diferentes franjas de edad, niños y adultos.

LISTA DE FIGURAS

- Fig. 01: Crianças sem terra – Ciranda infantil, p. 07
- Fig. 02: Crianças sem terra – Ciranda infantil, p. 07
- Fig. 03: Acampamento Giacomet, BR 158, Rio Bonito do Iguaçu/PR – 1995, p. 10
- Fig. 04: COOPAN – Setor gado leiteiro, p. 12
- Fig. 05: COOPAN – Agrovila, p. 17
- Fig. 06: COOPAN – Matadouro, p. 18
- Fig. 07: Ciranda infantil – Paloma/CE, p. 30
- Fig. 08: Ciranda infantil nacional itinerante- ENERA- 1997, p. 35
- Fig. 09: Curso de formação para educadores infantis – Encontro com as crianças – 1998, p. 41
- Fig. 10: Curso de formação para educadores infantis – Encontro com as crianças – 1998, p. 41
- Fig. 11: Acampamento de Viamão/RS – Mulheres lavando roupas nos tanques improvisados – 1998, p. 45
- Fig. 12: Acampamento de Viamão/RS – Crianças brincando no matinho – 1998/99, p. 53
- Fig. 13: Acampamento de Viamão/RS – Crianças brincando no matinho – 1998/99, p. 54
- Fig. 14: Acampamento Giacomet/PR – Grupo de oficina de brincadeiras de roda, p. 59
- Fig. 15: Acampamento Giacomet – Oficina de capacitação pedagógica para educadores infantis – Hora do lanche – 1996, p. 61
- Fig. 16: Ciranda infantil – COOPAN – Crianças brincando livremente, p. 71
- Fig. 17: Ciranda infantil – COOPAN – Crianças brincando livremente, p. 73
- Fig. 18: A casa da ciranda infantil – COOPAN – 2001, p. 76
- Fig. 19: Ciranda infantil – COOPAN – Crianças realizando atividades – 2001, p. 77
- Fig. 20: Ciranda infantil no parque infantil – COOPAN – 2001, p. 78
- Fig. 21: Ciranda infantil no parque infantil – COOPAN – 2001, p. 79
- Fig. 22: Crianças e mães da agrovila no parque infantil – COOPAN – 2001, p. 80
- Fig. 23: Ciranda infantil – Crianças trabalhando com recortes – COOPAN – 2001, p. 84
- Fig. 24: Ciranda infantil – Hora do lanche – COOPAN – 2001, p. 86
- Fig. 25: Ciranda infantil – Hora do lanche – COOPAN – 2001, p. 86

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

RESUMO

RESUMEN

1. INTRODUÇÃO	10
2. MST – UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA.....	12
2.1. Acampamento.....	14
2.2. Assentamento.....	16
2.3. História da Cooperativa e do Assentamento Capela de Santana.....	18
2.3.1. Organização da Moradia	21
2.3.2. Organização da Produção e dos Serviços	22
2.3.3. O Lazer da Cooperativa	24
2.3.4. Outra Forma de Organização e Participação dos Sócios da COOPAN	25
3. A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA HISTÓRIA NO MST.....	26
3.1.O Surgimento do nome Ciranda Infantil.....	29
3.2.Organização das Cirandas Infantis no MST.....	34
3.2.1. Adaptação da Criança às Educadoras Infantis	41
3.2.2. A Formação Necessária e o Perfil das Educadoras Infantis	42
3.3.Processo de formação dos Educadores Infantis no MST.....	43
4. ESTUDO DE CASO SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL NAS ÁREAS	

DE ACAMPAMENTOS.....	49
4.1.As histórias de vida das crianças do Acampamento de Viamão.....	52
4.2.Experiência de trabalho com as crianças de zero a seis anos, no Acampamento da Giacomet.....	60
5. ESTUDO DE CASO DE UMA CIRANDA INFANTIL EM UMA COOPERATIVA.....	68
5.1 História da Ciranda Infantil na Coopan.....	68
5.2 A organização e a participação da Ciranda Infantil nas atividades.....	81
5.3 Atividades desenvolvidas hoje na Ciranda Infantil.....	87
6 . CONCLUSÃO.....	95
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100
8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	103

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do presente estudo é proporcionar uma análise dos processos educativos vivenciados nas áreas de Acampamentos e Assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, especificamente no que se refere à Educação Infantil, através da proposta de Cirandas Infantis. O objetivo é buscar argumentos, entendimentos e conhecimentos sobre as transformações que a Ciranda Infantil provoca nas condições de vida da criança e como a mesma contribui na vida dessa criança, isto é, queremos verificar se os espaços das Cirandas Infantis garantem os cuidados e a educação das crianças de zero a seis anos, no que se refere as suas necessidades básicas, seus interesses e seus direitos de criança cidadã. A escolha do tema deve-se a três grandes propósitos: um sentimento de profunda indignação e revolta que sentimos quando vemos crianças nascerem e crescerem sem um mínimo de atendimento e educação; a realização de um levantamento mostrando como um movimento social de vanguarda trata de suas crianças na ação concreta e não no discurso de dirigentes, militantes etc; e, também, a paixão de conhecer essa criança sem terra, que desde pequena participa das lutas na luta pela terra.

O trabalho inicia-se com uma descrição do que constitui o MST, particularizando um Acampamento, um Assentamento e como esse movimento social vivencia os diferentes processos de sua construção e desenvolvimento, também, como a Educação Infantil tem se constituído nesses espaços dentro do MST. Salienta-se que essa descrição baseia-se na vivência da realidade que parte da nossa própria experiência

como educadora e militante, da pesquisa participante através de diversas entrevistas com diferentes sujeitos envolvidos diretamente no processo e, também, das observações realizadas, primeiramente, no Acampamento de Viamão, localizado no mesmo município e, posteriormente, com o grupo da Cooperativa do Assentamento Capela de Santana, localizado no Município Nova Santa Rita.

Em seguida, propomos uma descrição dos processos organizados nos Acampamentos, Assentamentos e em outras atividades realizadas no MST, no que se refere às Cirandas Infantis, que consiste numa forma de organizar as crianças pequenas em processos educativos, garantindo, assim, seus direitos de criança nesse espaço social e nas relações que o constrói.

No capítulo seguinte, partimos do registro da história da Ciranda Infantil da COOPAN - Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita, pertencente ao Assentamento Capela de Santana, localizado no município de Nova Santa Rita. A história dessa Ciranda Infantil da Cooperativa, nasceu junto com a conquista da terra e com a organização da produção. História, essa, documentada durante a realização da pesquisa participante, através das observações que conseguimos fazer e relatar, e daquilo que acontece no dia-a-dia das crianças da Ciranda Infantil (como e em que a vida da cooperativa reflete na vida dessas crianças), e, ainda, o que o MST lhes oferece enquanto organização de luta.

Enfim, para concluir iremos analisar e refletir sobre algumas questões pedagógicas indispensáveis ao processo das Cirandas Infantis, para que se construa de fato, como espaço de direitos e que efetivamente possa servir à criança, na sua infância de brinquedos, de choros, de sonhos, de sono, de riscos e de rabiscos coloridos ou não, de cantos e encantos de sorrisos, de caretas e molecagens,

2 MST– UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA

“O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST teve origem das lutas concretas que os trabalhadores rurais foram desenvolvendo inicialmente de forma isolada, na Região Sul do país, pela conquista da terra, no final da década de 70”. (Elementos da História do MST, agenda 1999)



Figura 1 e 2 – Crianças sem terra – Ciranda Infantil

Atualmente o MST visa a três grandes objetivos: a terra, a Reforma Agrária e uma sociedade mais igualitária e justa. Tem como características: ser um movimento popular em que todos podem entrar; ser um movimento com um componente sindical, porque o primeiro objetivo é uma luta para atender prioritariamente uma reivindicação econômica – obter o pedaço de terra; e tem, também, o elemento político que é a luta maior, enquanto Projeto de Sociedade, em função dos interesses dos setores oprimidos. É o casamento entre os interesses particulares e corporativos com os interesses de classe, que irão dar a sustentabilidade de um movimento social, como argumenta o dirigente nacional do MST, João Pedro Stédile:

(...) tivemos a compreensão de que a luta pela terra, pela Reforma Agrária, apesar de ter uma base social camponesa, somente seria levada adiante se fizesse parte da luta de classes. Desde o início sabíamos que não estávamos lutando contra um grileiro¹. Estávamos lutando contra uma classe, a dos latifundiários. Que não estávamos lutando apenas para aplicar o Estatuto da Terra, mas lutando contra um Estado burguês. (STÉDILE, 1999, p.35 - 36)

O movimento evoluiu, tornou-se uma organização nacional, com princípios, organicidade e disciplina. Para um entendimento maior de sua estrutura organizativa, citaremos os princípios que o constituem: A direção coletiva, Divisão de Tarefas, Disciplina, Estudo, Luta pela terra e pela Reforma Agrária – que se constitui no vínculo com a base social do movimento.

Através dos objetivos estratégicos estabelecidos, é que se conseguem ultrapassar as barreiras do imediatismo, dos desvios oportunistas, e elevar a qualidade da consciência dos camponeses que compõem o movimento de massas, estabelecendo relações fraternas de cooperação, em todos os sentidos, principalmente no trabalho produtivo. (BOGO, 1999, p. 139)

¹. Grilagem: grileiro é o que pratica grilagem, é o ato pelo qual os fazendeiros falsificam documentos para se apossar e legalizar extensões de terras públicas. O nome tem origem na prática de colocar os papéis falsificados em gavetas com grilos, para que eles “envelheçam” os documentos.

O MST está presente em vinte e quatro Estados da Federação. Grande parte dos assentados organiza-se em torno de cooperativas de produção, somando cinquenta e cinco cooperativas associadas à Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil – CONCRAB. Além do setor da produção, o MST conta, na sua estrutura organizativa, com os setores de Educação, Relações Internacionais, Frente de Massas, Setor de Comunicação, além de suas instâncias de decisões, tanto em nível nacional, como estadual.

Como no texto passaremos a utilizar com muita frequência Acampamentos e Assentamentos da Reforma Agrária, nomes designados pelo MST para definir o processo de luta de conquista de terra, gostaria de definir/caracterizar esses dois momentos do processo.

2.1 Acampamento

O período do Acampamento, do ponto de vista do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, é todo um processo desencadeador da luta pela terra, quando terras públicas² ou latifúndios improdutivos são ocupados³ por grupos de famílias. Durante a ocupação, as famílias passam por um processo organizativo necessário, criando uma

² “A extensão territorial brasileira equivale a aproximadamente a 850 milhões de hectares. Incluindo as áreas ocupadas pelos rios, lagos, montanhas e depressões. Segundo dados do Incra, até 1992, cerca de 600 milhões de hectares já haviam sido ocupados. Haveria ainda no Brasil aproximadamente 250 milhões de hectares, que são terras públicas, de propriedade dos governos Federal e Estaduais. Essas terras localizam-se em sua maior parte na região amazônica e estão completamente inabilitadas. Há uma legislação específica que diferencia as terras públicas que são de responsabilidade do Governo Federal, e podem ser tituladas e privatizadas através do Incra. E há outras terras públicas, em geral próximas às rodovias, que são de responsabilidades dos governos estaduais e são tituladas e privatizadas através dos Institutos Estaduais de Terra. Encontra-se também dentro das chamadas terras públicas, cerca de 95 milhões de hectares de terras pertencentes aos povos indígenas, distribuídas em 545 áreas de reservas, sendo que apenas 43 milhões de hectares foram demarcadas e as demais apenas localizadas no mapa.” (STÉDILE, 1996, p.11)

³ A ocupação refere-se a ocupar um espaço vazio para garantir trabalho a quem não tem terra e que não tem objetivo de enriquecimento ou aproveitamento pessoal. A própria Constituição brasileira determina que todas as propriedades improdutivas devem ser desapropriadas.” (STÉDILE, 1996, p.37).

estrutura interna com divisão de tarefas, direção coletiva com organização de equipes e setores de trabalhos, seguindo a estrutura organizativa geral do MST.

A ocupação pode ser definida como um movimento de vida, de luta pela terra, que dá sustentabilidade ao próprio MST, porque reúne forças em cima de uma ação bem concreta, de uma necessidade comum a várias pessoas que lutam pelo mesmo objetivo: a conquista pela terra. E quando se luta por terra, luta-se por justiça, trabalho, educação, direitos, sonhos . . . “As ocupações de terra continuam a ser a principal forma de pressão de massas que os camponeses têm para, de forma prática, fazer a Reforma Agrária avançar e terem acesso à terra para trabalhar”. (STÉDILE, 1999 p.117)

Também são organizado várias mobilizações e atos públicos com o objetivo de agilizar as negociações junto ao INCRA⁴ e aos Governos, visando à posse definitiva da terra para as famílias acampadas.



Figura 3 – Acampamento Giacomet, Br 158, Rio Bonito do Iguazú/PR – 1995

⁴ INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Durante o período de Acampamento é indispensável a inscrição e o cadastro de todas as famílias que fazem parte do mesmo, junto ao Incra, para que possam, inicialmente, receberem alimentação e posteriormente a área da terra.

Acreditamos que todas estas ações de lutas, desencadeadas durante o período do Acampamento, são necessárias tanto para o avanço das conquistas futuras e do alcance do objetivo primeiro, que é a conquista da terra; como, também, para o conjunto da luta do MST.

2.2 Assentamento

Assentamento é o passo seguinte da liberação da posse e da divisão da terra entre as famílias que participaram do Acampamento. O Incra faz a distribuição dos lotes para as pessoas já cadastradas e inscritas para receberem um pedaço de terra, onde são instalados definitivamente e organizados para o trabalho produtivo. Como argumenta Görden: “(...) áreas conquistadas na luta política, no peito e na raça, pelos trabalhadores rurais Sem Terra, e que estão produzindo no chão repartido” (GÖRGEN, 1991, pág. 7)

O processo de Assentamento também é uma grande luta, porém uma luta diferente. De repente a luta maior é saber olhar, não somente uma área repartida da terra, mas sim, para a área toda do Assentamento, para todos os espaços que precisam ser criados, melhorados e buscados. A luta agora é por crédito para poder tocar a produção, para discutir e escolher, com todos, as formas melhores de organizar o trabalho, o investimento na propriedade e nas ferramentas necessárias para desenvolver os serviços e a luta a fim de garantir os espaços de educação, lazer e encontros para todos, pensando também nas crianças pequenas. E essas lutas não são nada fáceis, porque precisam ser construídas com as pessoas e entre as pessoas, para que as lutas se tornem vivas na vida de todos. A

organização de um Assentamento é séria e exigente, como nos diz Bogo, dirigente nacional do MST, neste depoimento:

O Assentamento é o renascimento da vida humana e da natureza, por isso é fundamental estabelecer uma política de desenvolvimento econômico, social e humano, preservar o meio ambiente, recuperar as nascentes dos rios, reflorestar as áreas desvastadas, evitar as queimadas, recolher o lixo, evitar o uso de venenos e adubos químicos, produzir frutas e flores de todas as espécies e preservar as aves e os animais silvestres. (BOGO,1999, p. 103 - 104)



Figura 4 – COOPAN – Setor gado leiteiro

A forma de organização dos Assentamentos é bem diversificada, há áreas em que a prioridade acaba sendo organizada através da produção articulada com processos individuais, isto é, propriedade familiar, grupos coletivos, associações, cooperativas de produção etc. Apesar da maior parte da base social dos Assentamentos estar organizada de forma individualizada, cada família tocando a sua produção, o MST tem por concepção estimular a Cooperação Agrícola, como nos diz Stédile:

Só a Cooperação Agrícola vai fazer com que possamos desenvolver melhor a produção, introduzir a divisão do trabalho, permitir o acesso ao crédito e às novas tecnologias, permitir e manter uma aglutinação social maior nos Assentamentos,

criar condições ou facilidades para trazer energia elétrica, água encanada. Colocar a escola perto do local da moradia. Dessa constatação veio a compreensão de que seria fundamental que os Assentamentos tivessem agrovilas próximas aos lotes de trabalho. A agrovila é um elemento de aglutinação importante para o desenvolvimento social da comunidade. (STÉDILE, 1999, p. 100)

Para exemplificar, de forma mais concreta ainda, as formas diversas que os assentados utilizam para organizar os diferentes espaços do Assentamento e da produção, escolhemos a experiência da COOPAN como uma alternativa nesse processo.

2.3 A história da Cooperativa e do Assentamento Capela de Santana.

Foi com o propósito de aprofundar a evolução nas suas formas mais avançadas de organização do MST e, concomitantemente, a conseqüente evolução da Ciranda Infantil, que realizamos o trabalho de pesquisa desenvolvido no período de outubro de 2000 a fevereiro de 2001, na COOPAN - Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita. Esta pesquisa realizou-se em diversas visitas à cooperativa e aos seus dirigentes, às famílias das treze crianças pesquisadas e que freqüentavam a Ciranda Infantil, e em muitas visitas para registrar a rotina das crianças na Ciranda Infantil. Realizamos, também, entrevistas com as educadoras infantis, com as mães e os pais, e com as próprias crianças pesquisadas. Acompanhamos os trabalhos realizados na Ciranda Infantil, em diferentes momentos e situações das atividades desenvolvidas com as crianças. Juntamente a esse trabalho, fomos buscar elementos informativos e de conhecimentos, relacionados à COOPAN e, conseqüentemente, ao Assentamento Capela de Santana.

Para começar o relato e o registro da Cooperativa e da Ciranda Infantil, que pertence a essa Cooperativa, faz-se necessário reportar-se à história de luta e conquista da terra dessas pessoas, que, de uma forma corajosa e persistente, estão construindo suas histórias

dentro da luta por Reforma Agrária. Não podemos falar da COOPAN sem registrar a história do Assentamento Capela de Santana, pois a Cooperativa nasceu junto com o Assentamento, ou melhor ainda, nasceu bem antes, durante o período de Acampamento, se não na sua constituição, pelo menos como projeto da COOPAN.

O Assentamento Capela de Santana foi oficializado, como tal, no dia cinco de maio de 1994, após quatro anos de Acampamento⁵ e foi formado por (100) cem famílias⁶. A partilha da terra se deu em cima das normas do Incra, ou seja, cada família cadastrada recebeu dezenove (19) hectares de terra⁷.

Esse Assentamento tinha uma característica bem peculiar, foi constituído basicamente por pessoas jovens e solteiras e que no seu maior número era de rapazes, sendo que, no início do Assentamento, o número de casais chegava a oito.

Em fevereiro de 2000, foi feito um levantamento, através do atendimento da farmácia alternativa, sobre o número de moradores do Assentamento. O resultado ficou em torno de quatrocentas pessoas, entre adultos e crianças.

A Cooperativa iniciou com cinquenta e sete famílias cadastradas⁸. Essas famílias que fundaram a cooperativa, tem uma história em comum, durante os quatro anos de Acampamento se constituíram como grupo e, desde então, decidiram permanecer juntos

⁵ O Acampamento teve início em Setembro 1989, com a duração de quatro anos e estava localizado na Comunidade de Capela de Santana, no Município de Nova Santa Rita/RS. Esse Acampamento se constitui a partir dos Acampamentos de Cruz Alta, Bagé e Não-Me-Toque.

⁶ Lê-se números de famílias e números de cadastros. Dentro dessa questão faz-se necessário registrar que cada família poderá ter somente um cadastro, que poderá estar no nome da mulher ou do homem. Quando acontece de pessoas quererem se unir, um dos dois terá que desistir de seu cadastro da terra e doar para um acampado. Esse critério é estabelecido pelo Incra.

⁷ É bom lembrar que o cadastro da área da terra de cada pessoa, é registrado no Incra e para a pessoa adquirir a posse definitiva da terra, através da escritura em seu nome, é um processo demorado, somente após dez anos de registro pessoal, que a pessoa poderá encaminhar esse procedimento.

⁸ Famílias cadastradas, segundo definição do INCRA: " é o número de famílias que compõem a demanda para Assentamento em áreas da Reforma Agrária. Cada lote compõe uma unidade familiar, independente do estado civil do beneficiário." INCRA – POA, Informações funcionário Paulo Lopes.

até a posse da terra. Isso foi assumido de tal forma, pelo grupo de famílias, que durante os quatro anos de Acampamento, as mesmas renunciaram a posse de áreas de Assentamento, porque não comportavam o total de famílias. Por isso, aguardaram com muita luta e resistência na comunidade Capela de Santana, até que o total da área a ser desapropriada, comportasse todo o grupo de famílias.

Em trinta de julho de 1995, a Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita, foi constituída, e esse grupo de cinquenta e sete famílias, organizou a produção, de forma coletiva, numa área de 673,2 hectares, com 20,4 hectares para cada família cadastrada, incluindo a área da barragem.

Devido a vários problemas como a falta de credibilidade da forma cooperativada de organizar a produção, ou por avaliar que uns trabalham mais que os outros, ou ainda, porque esperavam um lucro maior e em 1996 aconteceu o primeiro grande “racha” da Cooperativa. Doze famílias saíram, se desvincularam da forma de produção coletiva, para começar a organizar a produção familiar.

Hoje, a cooperativa está composta por quarenta e três sócios, sendo assim distribuídos: trinta e três famílias cadastradas sócias; destas, trinta e duas pessoas são homens e uma mulher; e por mais dez mulheres sócias, sendo que, essas mulheres sócias, são esposas dos homens sócios.

O número de filhos e filhas das trinta e três famílias sócias da Cooperativa, chega a um total de trinta e duas crianças, na faixa etária entre zero a doze anos. A criança mais velha não mora no Assentamento/ Cooperativa e sim com a avó, na cidade, para ir à escola estudar.

Nas proximidades do Assentamento está localizada a Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa, e é nessa escola, que, em torno de sessenta crianças do Assentamento, estudam, desde a pré-escola até a 4ª série. Referindo-se à educação das crianças, a educadora Alvanir argumentou: *Neste ano de 2000, a nossa Cooperativa tem dez crianças filhos (as) das famílias sócias, freqüentando a pré-escola. Para o próximo ano, teremos várias outras crianças que também irão freqüentar a pré-escola, na mesma escola e, mesmo assim, continuarão participando da Ciranda Infantil no outro turno, isto é, quando os pais trabalham na cooperativa. Mesmo assim na Ciranda Infantil continuam freqüentando as crianças: Dara, Mateus, Katielli, Alex, Dieninson,...*”

Para visualizarmos e entendermos melhor a estrutura organizativa da Coopam e os processos desencadeados na mesma, passaremos a descrevê-la.

2.3.1 Organização da Moradia:

Hoje, as moradias da Cooperativa, estão organizadas numa agrovila. Chama-se agrovila porque as casas estão organizadas como uma Vila, distribuídas uma do lado da outra, formando quase um círculo. Tirando o espaço da rua, no centro, estão localizados a sede da Cooperativa, o salão de festas, a casa da Ciranda Infantil, o parque infantil, o pomar e um espaço destinado à futura área de lazer.

As casas, na sua grande maioria, são de alvenaria, sendo que algumas ainda estão sendo construídas, em forma de mutirão. As casas possuem espaço e conforto interno, e com cuidados e embelezamento nos pomares, jardins e gramados, na área externa.

Na agrovila moram prioritariamente os sócios da cooperativa, porém, se alguma família se desligar da cooperativa poderá continuar morando na agrovila, desde que não venha a ferir o estatuto da cooperativa.



Figura 5 – COOPAN – Agrovila

Hoje, na Agrovila, há um total de trinta e oito famílias moradoras, destas, trinta e três famílias sócias e mais cinco famílias que não são mais sócias da cooperativa e continuam morando ali, porém, trabalham nos seus lotes com a produção familiar. O que normalmente acontece é que as famílias vendem suas casas na Agrovila e constroem outras na sua área de terra.

2.3.2 Organização da Produção e dos Serviços

Há uns duzentos a trezentos metros da agrovila fica localizada toda a estrutura de produção da Cooperativa: o matadouro, a horta, os aviários, o gado leiteiro, chiqueiros, etc



Figura 6 – COOPAN - Matadouro

Hoje a cooperativa está desenvolvendo suas atividades de produção e de serviços, com os seguintes setores de trabalho: HORTA, LAVOURA, MATADOURO, AVIÁRIO, SUÍNOS, GADO DE LEITE / ANIMAIS E CIRANDA INFANTIL. E, aos sócios da Cooperativa, cabe desenvolver os serviços dentro de cada setor. Os homens sócios precisam cumprir seus trabalhos de segunda a sexta-feira, em turno integral. Já as mulheres trabalham quatro horas diárias, obrigatoriamente e, se a demanda da produtividade exigir, serão convocadas para trabalhar o dia todo. Cabe a todos os sócios reunirem-se, através de seus setores, para planejar e avaliar suas atividades, como também, a presença e a participação nas Assembléias da Cooperativa.

A Ciranda Infantil é um setor de trabalho, dentro da prestação de serviços da cooperativa e tem critérios específicos quanto a sua funcionalidade:

- A Ciranda Infantil é somente para atender a demanda da cooperativa,

- O pagamento da Ciranda Infantil acontece da seguinte forma: quando o casal é sócio da cooperativa, não é cobrado o serviço de atendimento à criança, e quando somente um dos membros do casal, é sócio da cooperativa, é cobrado a metade da mensalidade, que corresponde a dez horas mês do trabalho realizado na cooperativa.

- As horas trabalhadas pelas educadoras são computadas como horas da cooperativa. No turno da manhã, são registradas três horas e na parte da tarde, quatro horas e meia; ou ainda conforme demanda da cooperativa. Cada educadora trabalha um turno na Ciranda Infantil, e, no turno inverso, presta serviços em outras áreas ou setores.

Sendo a Ciranda Infantil um setor de trabalho da cooperativa, como a própria cooperativa a vê? Tudo indica que ela não é vista na sua especificidade de trabalho educativo e como espaço de formação dessas crianças, é apenas um setor, com uma função a mais a ser desempenhada.

2.3.3 O lazer da cooperativa:

Mediando os espaços da produção, está localizado o espaço de lazer e de encontro das pessoas da comunidade. Pertence a esta área o campo de futebol, disputadíssimo entre os vários times, dos homens, das mulheres e, às vezes, das crianças, como relata a menina Miriam: *Lá no campo nós jogamos. Os homens jogam e as mulheres ficam olhando e depois é a vez delas. Quando eles estão jogando, nós temos que brincar em outro lugar.* Está localizado, também, o galpão comunitário. Neste, acontecem as celebrações religiosas, os eventos e as festas, e nessas atividades comunitárias a Cooperativa conta com a participação das pessoas do Assentamento que não pertencem à cooperativa e também com os moradores vizinhos da comunidade Capela de Santana.

Outra forma de lazer, que a cooperativa organiza, são as férias coletivas para todos os cooperativados irem à praia. Para que todos possam desfrutar desse período de

descanso, as férias são organizada em dois períodos. A cooperativa também organiza espaços coletivos de passeios culturais e recreativos, para as famílias, como por exemplo, o passeio do dia cinco de novembro de 2000 ao Zoológico de Sapucaia, do qual todos os sócios da cooperativa participaram, junto com seus filhos.

No mês de janeiro, é organizada uma escala de férias para os associados da cooperativa. De cada setor sai em torno de duas pessoas, para cada período organizado na escala, levando sempre em conta a demanda dos serviços que a cooperativa precisa realizar, tanto internamente, como também, os compromissos assumidos externamente. No período de outubro a dezembro, foi determinado pelo conjunto da cooperativa, que nem um sócio poderá tirar férias, pois neste período há um crescimento na produção e o trabalho é intensificado.

2.3.4 Outra forma de organização e participação dos sócios da Coopan:

A outra forma de organização e participação dos sócios da cooperativa é através dos “núcleos de formação”. Cada núcleo é formado por moradores e vizinhos mais próximos uns dos outros. Os núcleos são formados pelos moradores da agrovila e pelos moradores do Assentamento, pois nesses núcleos de formação o objetivo é a participação de todas as pessoas nas discussões das questões do Assentamento/da comunidade, e, discutem também, questões referentes ao MST, às questões políticas do país e do mundo, “ ao mesmo tempo em que nos preocupamos com a formação dos núcleos de famílias, devemos incentivar as pessoas a se associarem no sindicato e envolverem-se em atividades políticas.” (BOGO. 1999, p. 139).

3. A EDUCAÇÃO INFANTIL – E SUA HISTÓRIA NO MST

Em 1987 o setor de Educação no MST teve sua criação em um grande encontro que reuniu representantes de sete Estados onde o Movimento já estava atuando. As discussões partiram de duas questões: "O que queremos com as escolas de Assentamentos?" "Como fazer a escola que queremos?"

Nesse período, a grande demanda do setor de Educação nos Estados era a implantação de escolas públicas de 1ª a 4ª série, nos Assentamentos e em alguns Acampamentos. Para essa realização o desafio era reunir os professores que atuavam nas Escolas, juntamente com representantes das comunidades, para refletir sobre a escola diferente que se queria e se quer construir.

No período de 1989 a 1994, o Setor de Educação teve um grande avanço organizativo e de elaboração pedagógica, como também começaram algumas iniciativas pontuais localizadas em duas novas frentes de trabalho: a Alfabetização de Jovens e Adultos e as chamadas Creches, que envolviam as mães e as crianças de 0 a 6 anos. Os dados da realidade apontavam, porém, para "o grande número de analfabetos nos Assentamentos e para a dificuldade de inserção da mulher nos processos produtivos sem que houvesse alguma alternativa para a questão do cuidado das crianças pequenas". (CALDART, 1997, p. 35).

Para ilustrar esse fato, gostaríamos de relatar uma experiência vivenciada em 1991, na Cooperativa de Produção Agrícola - COOPAUL, localizada no Município de Hulha Negra, RS. Nessa cooperativa, os Assentados organizavam-se para o trabalho de forma coletiva, em diferentes horários e setores de trabalho, como o restaurante, a horta, os animais, a lavoura etc.

Enquanto os pais trabalhavam, as crianças pequenas precisavam ser atendidas. Para isso, então, criaram uma creche. O espaço físico era uma casa sem divisórias e sem o mínimo de estrutura para acolher as crianças, para alimentá-las, para oferecer-lhes seus horários de sono, seus momentos de lazer e de brincar. Enfim, era um espaço sem atrativos, sem ocupações, sem conforto. O atendimento era feito por crianças maiores e algumas jovens educadoras leigas. Através desse relato, pode-se perceber que havia muitas dificuldades, fragilidades no processo. No entanto, precisamos reconhecer que havia luta por espaço de direito para que a mulher participasse dos processos produtivos dentro do Assentamento. Como também, do espaço de direito à creche para as crianças, o que era uma luta muito forte e muito presente que também contribuiu e contribui para que as dificuldades sejam, progressivamente, superadas.

Assim, foi sendo desencadeada em algumas CPAs (Cooperativas de Produção Agrícola), a implantação de creches e, em algumas escolas de Assentamentos, foi conquistada a pré-escola.

Isso dava-se em experiências pontuadas em alguns Assentamentos e em alguns Estados. Muito recentemente, o setor de Educação, em nível nacional, começou a aprofundar a discussão sobre a temática da Educação Infantil.

A Educação Infantil tomou corpo dentro do setor de Educação, quando foi colocada no mesmo nível de outras necessidades, como as de produção, moradia etc. e ganhou

originalidade dentro da base dos Estados. É como expressão desse olhar para com as crianças de 0 a 6 anos dos Assentamentos e Acampamentos, que foi criada, em 1996⁹, a palavra de ordem: "CRIANÇA PEQUENA TAMBÉM APRENDE", para provocar discussão interna, tanto dos coletivos de educação, como em nível de direção, instâncias organizativas e militância do MST.

Se refletirmos em cima da palavra de ordem "Criança pequena também aprende", percebemos que ela não contribui muito para sensibilizar os adultos na temática da Educação Infantil, porque pode subestimar a capacidade de descobertas, de invenções, de experimentações das crianças dessa faixa etária. A criança só realiza um aprendizado através das relações que estabelece com o mundo, com as coisas e com as pessoas, “pois é apenas na interação com o outro que o desenvolvimento humano é possível”, como nos diz Rossetti-Ferreira. (1997)

A partir daí, constitui-se a Comissão de Educação Infantil, que tem a tarefa de planejar e pensar os “processos de organicidade” nas áreas de formação de educadores e de educadores leigos, montagem dos processos educativos para as crianças, produção de materiais etc.

Na frente da Educação Infantil o grande desafio deste período está sendo articular e refletir sobre algumas práticas já existentes, formar os primeiros monitores e avançar na própria concepção do que seria a especificidade deste trabalho no meio rural e em especial nas áreas de Assentamentos e Acampamentos. (CALDART, 1997, p. 38)

Além das atribuições já citadas para essa Comissão, gostaríamos de salientar o compromisso e a responsabilidade que a mesma tem, no desencadeamento de processos educativos e na garantia do cumprimento dos direitos das crianças. Estes direitos devem ser que sejam assegurados pelos seus responsáveis, independente do espaço em que a

⁹ No final de 1996, acontece um Encontro do Setor Educação a nível nacional, em Vitória - ES, onde o Coletivo de Educação decidiu pela organização em Frente de Trabalho com Comissões específicas: EJA – Educação de Jovens e Adultos, Educação Infantil, 1^o Grau e Formação de Formadores.

criança estiver, isso é, qualquer atividade desencadeada pelo MST, que vai desde a mobilização de pessoas/de famílias para montar um novo Acampamento, da participação das crianças juntos às mães nas mobilizações e cursos de formação, até na organização de um Assentamento e de uma cooperativa de produção. Precisamos garantir às crianças o acesso aos cuidados básicos de alimentação, de higiene, de sono, de segurança, de carinho e de amor, como também, responsabilizar e subsidiar os educadores, para garantir a organização de espaços de educação para as crianças de zero a seis anos.

O primeiro passo dessa comissão foi traçar o Plano de Atividades. Um grande desafio era pensar/criar um nome que pudesse expressar a dimensão de educação de crianças de zero a seis anos para as áreas de Assentamentos e Acampamentos. O segundo passo dessa comissão foi constituir a Ciranda Infantil Nacional do MST.

3.1 Surgimento do Nome Ciranda Infantil

A missão de pensar o processo educativo para a Educação Infantil no Movimento Sem Terra era um desafio muito grande, pois era difícil resumir o trabalho que já vinha sendo realizado, com suas diferenças, especificidades e características de diferentes formas de atendimentos: Acampamentos, cursos e Assentamentos através das creches.

Também era necessário levar em conta as condições objetivas para operacionalização do trabalho de educação infantil, como também, dos processos desencadeados pelas equipes de coordenação do setor de educação de cada Estado, contemplando todos os trabalhos das creches e pré-escolas. Foi a partir desses desafios que a comissão de Educação Infantil teve a feliz idéia de chamar a experiência de implantação de creches e pré-escolas, de Ciranda Infantil. O nome Ciranda Infantil não surge por acaso, ele surge expressando aquilo que buscávamos, que sonhávamos para as crianças das áreas de Assentamentos e Acampamentos no que se refere aos processos educativos para essa faixa

etária e também ao direito de ser criança, enquanto sujeito de direitos. O nome Ciranda nos lembra criança em ação. E essa ação dá-se na brincadeira, que deve ser uma brincadeira coletiva. Vai além do brincar juntos, pois é um espaço de construção de relações através das interações afetivas, de sociabilidade, de amizade, de fraternidade, de solidariedade, de linguagem, de conflitos e de aprendizagem, como poeticamente nos diz Zé Pinto, compositor e cantador da Reforma Agrária:

Numa ciranda de roda
vai a criançada
e a menina dos olhos desse caminhar
somos segredos da vida
numa flor desabrochar
sementes de esperança
na terra a brotar. (PINTO, compact disc, faixa 8)

Com o nome Ciranda Infantil se quer chamar atenção para a importância dos momentos do brincar na vida da criança, desde pequena, como também para a sensibilização dos adultos em torno da criança nesse período de vida, concretizando a afirmação de Vygotsky: “No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário, no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade”. (VYGOSTSKY, 1989, p. 117).

Ciranda Infantil dá a idéia de movimento que precisa ser criado em torno da temática, através das mobilizações das pessoas dos Assentamentos, dos Acampamentos, dos coletivos organizados do setor de educação, dos militantes e das lideranças do MST, para que o olhar em relação à criança, dessa faixa etária, seja de responsabilidade organizativa dos processos educativos, seja voltado para a infância dessas crianças, aos diferentes espaços/situações vivenciadas, em que as mesmas se deparam dentro desse movimento social, seja de garantia dos seus direitos enquanto afeto, brinquedo, condições de saúde, higiene, liberdade, segurança, . . . “As crianças não são adultos em miniatura: estão crescendo e se desenvolvendo, por isso precisam de proteção e cuidado dos adultos desde a barriga da mãe até ficarem grandes.” (Porto Alegre. Câmara Municipal, 1997)

Quando idealizamos¹⁰ as Cirandas Infantis, pensamos, em primeiro lugar, em contemplar e garantir a criança como sujeito de direitos em todos os processos desencadeados, seja no convívio familiar, nos espaços coletivos da comunidade, como também nos processos educativos das Cirandas Infantis propriamente ditas. Desencadear um processo para que a prioridade não seja estabelecer horários para tudo, como por exemplo – só vamos fazer tal coisa se vocês ficarem bem comportados; ou impor limites que não sejam educativos para a criança ou para o conjunto das crianças, como obrigá-las a ficarem sentadas, isoladas, sendo rotuladas. E que a preocupação primeira não seja ensinar o traçado do A, B ou C.

O que se quer é uma Ciranda em que a criança tenha direito de agir, que oportunize a descoberta, o experimento e a busca de desafios, de perguntas/respostas. Que seja construído um espaço agradável, afetuoso, seguro, para que possa se sentir segura, amada, atendida e com liberdade. Que nessa ação sejam construídas relações consigo mesma, sejam desenvolvidas as diferentes formas de expressões. Que sejam cultivados e vivenciados valores como o amor, a responsabilidade e a solidariedade para com todos.

Vemos que o MST precisa olhar com maior comprometimento a questão dos direitos da criança, não porque é bonito ou está na moda, não porque é uma maneira fácil de buscar recursos financeiros, pois os organismos nacionais e internacionais ligados à infância estão muito sensibilizados em torno dessa temática, ou porque o movimento tem que ter “uma proposta diferente”,... e sim, porque garantimos o que é de direito da criança. E também, porque acreditamos na necessidade de assegurar os cuidados básicos e os processos educativos para todas as crianças que fazem parte da Primeira Infância, pois somente assim estamos construindo uma criança cidadã.

¹⁰ Quando coloco que idealizamos é porque nesse período estava engajada diretamente no processo idealizador das Cirandas Infantis do MST, pelo Coletivo Nacional de Educação e pela Comissão de Educação Infantil.

Precisamos assumir de fato - no discurso e na ação - que a educação da criança nessa faixa etária, precisa garantir ou contribuir para que seus direitos básicos sejam assegurados, enquanto espaço e tempo para brincar, atendimento a sua saúde e alimentação, direito de ter amigos, família e pessoas que a amem, a ter acesso a novas informações e conhecimentos, enfim, que os seus espaços educativos de convívio sejam espaços de vivência da cidadania, desde pequeno. Conforme está definido na Constituição Brasileira e no Estatuto da Criança e do Adolescente:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Brasil. Constituição, 1988, Cap. VII, Art. 227, 1988)

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Estatuto da Criança e do Adolescente, Art.4,1994)

Junto ao nome Ciranda Infantil, foram várias as propostas de palavras de ordem para que se escolhesse uma que expressasse aquilo que queremos com a Educação Infantil, contribuindo, também, com processo de sensibilização interna do MST e chamando-o para a construção coletiva da concepção de Educação Infantil nas áreas de Assentamentos e Acampamentos da Reforma Agrária. As propostas das palavras de ordem foram:

- **Desde pequeno aprendendo a ser feliz.**
- **Crianças pequenas vamos juntos cirandar?**
- **De ciranda em ciranda para aprender a cirandar.**
- **Ciranda, cirandinha vamos todos cirandar?**

- Aprendendo e ensinando com os pequenos, na ciranda.

Mas a palavra de ordem que ficou para reafirmar o papel das Cirandas Infantis do MST é: “DE CIRANDA EM CIRANDA APRENDENDO A CIRANDAR.” E foi com essa inspiração que o poeta cantador da Reforma Agrária traduziu a educação infantil das Cirandas Infantis do MST, na seguinte canção:

É um, é dois, é três...
Já aprendemos contar.
É quatro, é cinco, é seis
Agora nós vamos parar
Um tempo pra gente brincar
Antes de chegar a mil

Em nome da reforma agrária, ai, ai, ai
Um viva à ciranda infantil.(bis)

De ciranda em ciranda
Aprendendo a cirandar (bis)
Como estatuto diz: estudar, brincar feliz
E aprender a cantar (bis)

E vamos lá
Vamos plantar poesia, e vamos lá
Vamos colher alegria, e vamos lá
É hora de estudar (...) (PINTO, faixa 8)

E a palavra de ordem veio reafirmar a importância das Cirandas Infantis para o conjunto do movimento, porque é urgente garantir espaços de direitos para que a criança seja criança, faça a sua ciranda e seja cirandeira no processo de construção de seu desenvolvimento, rumo à vida adulta.

O segundo passo dessa comissão, foi a constituição da Ciranda Infantil nacional. Para a organização da mesma foi envolvida a 6ª Turma de Magistério do MST.

3.2 Organização das Cirandas Infantis no MST

Precisamos olhar para as formas de organização das Cirandas Infantis como processo em permanente movimento, em permanente construção, considerando as diferentes realidades e situações presentes na vida de lutas e conquistas do MST. Em consequência dessas experiências, se dará a sensibilização para com a Educação Infantil, gerada no MST, bem como, os conhecimentos elaborados que deram sustentabilidade no processo organizativo das CIRANDAS INFANTIS.

Sendo a Ciranda Infantil o espaço próprio da criança de zero a seis anos, no MST ela pode tomar diferentes formas, conforme as ações desencadeadas nas diferentes realidades e situações presentes no Movimento, isto é nas ações desencadeadas enquanto mobilizações, caminhadas, cursos e encontros de formação, assumindo a forma de Ciranda Infantil Itinerante. Quando a Ciranda Infantil é organizada dentro de um Assentamento, de um Acampamento, em uma Cooperativa de Produção, na escola do MST, etc, e desde que o processo seja organizado com um público mais fixo e com periodicidade e encontros mais frequentes, assume a forma de Ciranda Infantil Permanente. A Ciranda Infantil poderá assumir também a forma Eventual, quando organizada para atender um público mais fixo, porém que a busca esporadicamente.

A proposta de Ciranda Infantil surge para garantir um espaço de direitos da criança da Primeira Infância, para que possa fazer coisas de crianças e como criança faz, deixando, assim, de ocupar os mesmos espaços dos adultos onde permaneciam desocupadas e sem poder manifestar suas necessidades, seus interesses e seus sentimentos, para que não fossem taxadas de incomodativas e chatas e, ou ainda, para evitar que sua mãe fosse advertida porque trouxe uma criança junto no curso, etc.

Para ilustrar, citaremos o trabalho do Setor de Educação do Ceará, primeiro Estado a constituir a Ciranda Infantil Itinerante com o nome de Ciranda Infantil PALOMA, processo construído com o apoio do UNICEF¹¹.

A Ciranda Infantil Paloma surgiu da necessidade gerada em razão do grande número de crianças pequenas nos encontros de formação dos adultos do MST e por já haver o entendimento de que os processos educativos, a rotina diária, os tempos e os espaços, precisavam ser garantidos para as crianças que vinham acompanhando suas mães. Desse modo, constituiu-se o processo de organização da primeira Ciranda Infantil. Junto com as educadoras, com as mães e com a coordenação do MST, foi elaborado um documento determinando as atribuições e responsabilidades das partes envolvidas na Ciranda, com a finalidade de conduzir, garantir o bom andamento do seu processo, de desenvolver atividades significativas e interessantes para todas as idades, de avaliar e de propor outras alternativas, formas de organização, atividades etc.



Figura 7 – Ciranda Infantil – PALOMA/CE

¹¹ UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância. Desenvolve no MST um programa voltado para o atendimento das necessidades básicas da criança e do adolescente.

As atribuições e competências das educadoras vão desde os cuidados e higiene das crianças, da organização do ambiente da Ciranda, dos brinquedos e objetos de uso comum e de cada criança, até o planejamento entre as educadoras das atividades a serem trabalhadas, do estudo/da leitura de materiais de apoio referentes à Educação Infantil, como também, o estabelecimento de um relacionamento de carinho, de segurança e de diálogo através das suas ações.

Já, para as mães das crianças e participantes do curso, as responsabilidades eram mais detalhadas e específicas, como levar os filhos para a Ciranda Infantil, pois para algumas mães era mais fácil ou menos doloroso deixar a criança junto a ela do que se afastar do seu filho e deixá-lo na Ciranda Infantil. Outro problema era a interferência das mães no trabalho das educadoras durante o horário de funcionamento da Ciranda. Acontecia de pegarem as crianças antes do horário combinado, buscarem a criança porque a viam chorando, fazerem reclamações às educadoras na frente das crianças e exigirem das educadoras o melhor atendimento individual para seu filho (isso era feito em casos específicos de doenças).

No que se refere às atribuições da Coordenação, o principal é garantir e manter o funcionamento da Ciranda Infantil Itinerante, criando espaço para a Ciranda Infantil nos Assentamentos, formando mais educadoras para atuarem nesta área e buscando apoio de outras entidades, tanto financeiro quanto pedagógico, para melhorar o funcionamento da Ciranda Infantil, facilitando, assim, o trabalho das educadoras e oferecendo às crianças um ambiente educativo mais agradável.

Um momento forte nesse processo deu-se em 1987. Grandes ações coletivas foram intensificadas, tanto em nível estadual como nacional, através de mobilizações, marchas, ocupações de prédios públicos. Foram realizados Acampamentos em lugares estratégicos para pressionar o Governo etc. Por outro lado, os grandes encontros nacionais, e estaduais no campo da formação, também foram intensificados, como o Encontro Nacional das

Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – ENERA, Encontro Nacional das Mulheres, Encontro Nacional do MST, Encontro Nacional dos Educadores de Jovens e Adultos – ENEJA, Conferência Nacional por uma Educação Básica no Campo, entre outras. Tendo como referência todo esse cenário de atividades desencadeadas pelo MST, estava instalada a necessidade de se organizar a Ciranda Infantil Nacional, para que se pudesse constituir, em cada evento programado, o processo de atendimento às crianças pequenas.

Um passo muito significativo, em cima dessas necessidades objetivas foi viabilizado com a organização da Ciranda Infantil Nacional e para isso foi envolvida a 6ª Turma de Magistério¹² do MST que tinha duas grandes tarefas em relação à Ciranda Infantil: a primeira tarefa era a produção de materiais para a Ciranda Infantil Nacional e a segunda era a organização da Ciranda Infantil no Iterra. A produção de materiais aconteceu nos espaços das oficinas do próprio curso. Cada grupo de alunos ficou responsável de confeccionar um tipo de material, tais como: material decorativo (diferentes cartazes e painéis com crianças e/ou motivos infantis), dobraduras, pandorgas, brinquedos, jogos educativos e também a confecção de objetos para guardar os materiais. A finalidade desses materiais era sua utilização nas Cirandas Infantis em nível nacional e servirem de apoio aos educadores infantis leigos. Outra atribuição era organizar os ambientes do Iterra com espaços infantis, a área de lazer e recreação das crianças, adaptando e adequando os objetos utilizados para higiene, alimentação, repouso, enfim, organizar minimamente os ambientes para que se pudesse garantir o que é de direito da primeira infância – brincar, instruir-se, construir relações, garantir o desenvolvimento de habilidades, percepções, conhecimentos, como nos afirma Clotilde Rossetti-Ferreira: “Seres humanos são seres de relação, isto é, necessitam do outro ser humano, porém são também indivíduos que buscam constantemente sua própria identidade, (...)” (ROSSETTI-FERREIRA, [199_], p. 7)

¹² O curso Magistério funciona na Escola Josué de Castro, ligado ao ITERRA - Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa em Reforma Agrária, localizado no município de Veranópolis/RS

A organização de uma Ciranda Infantil no ITERRA veio dar resposta à grande necessidade que já vinha se prolongando há tempo, pois a escola recebe alunos o ano todo vindos dos Assentamentos e Acampamentos do MST, nos diferentes cursos que a mesma oferece e nos diferentes períodos do ano. Os cursos são realizados na forma de alternância¹³, porém o Curso Magistério, devido a sua especificidade, é oferecido no período das férias escolares. Os alunos são originários dos acampados ou assentados, filhos de assentados ou militantes do MST de todo o Brasil.

Com a garantia da organização da criança na escola, está assegurado um direito básico da criança, que é o vínculo afetivo com sua mãe, propiciando também um maior rendimento nos estudos e trabalhos das mesmas. A saudade, a ansiedade das mães foram superadas, pois podem ver seus filhos nos intervalos, passar a noite com eles, fazer as refeições juntos, oportunizando assim um tempo maior para as relações afetivas entre os filhos e as mães/pais.

Também foi resolvido um problema sério das mães que amamentavam, permitindo que não interrompessem a amamentação. Antes da organização da Ciranda Infantil, a grande maioria das mães acabava interrompendo o curso, algumas até mesmo desistindo, e as mais persistentes tomavam iniciativas próprias providenciando alguém que ficasse “tomando conta” dos seus filhos junto à escola.

Dentro desse contexto, entra a Ciranda Infantil com a proposta de realmente garantir o desenvolvimento das crianças em várias dimensões, tanto físicas, afetivas, como também intelectuais e emocionais. E essas dimensões somente serão consideradas, respeitadas e trabalhadas na criança quando o educador que convive com ela começar a se questionar e a

¹³ Alternância: Os alunos permanecem na escola três meses seguidos onde se organizam no internato e retornam para o local de origem durante os três meses. No caso específico do curso Magistério, o Tempo Escola acontece nos meses de janeiro/ fevereiro e julho, e o Tempo Comunidade é realizado nos demais meses.

refletir sobre “quem é essa criança que está em suas mãos”, o que ela pensa, sonha, sente junto às pessoas e ao seu espaço.

Outro objetivo da Ciranda Infantil Nacional seria de fornecer os materiais básicos de organização dos ambientes, de brinquedos etc, para as Cirandas Infantis Itinerantes¹⁴.

A coordenação nacional do Setor de Educação do MST promoveu o I ENERA – I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária, aconteceu no período de vinte e oito a trinta e um de julho de 1997, na Universidade de Brasília – UnB, com o objetivo de promover, através da mobilização nacional, intercâmbios de práticas pedagógicas, convivência, estudo e definir políticas na área da educação para os anos seguintes.

Podemos dizer que em consequência desse Encontro muitas questões referentes à Ciranda Infantil foram intensificadas e colocadas como uma demanda de organização e de encaminhamentos, isto é, desde o espaço físico para o funcionamento e organização da mesma, até a formação das educadoras, materiais de consumo, higiene e recreação; a confirmação do número de crianças participantes com antecedência por estado e a ficha de cadastro da criança que iria freqüentar a Ciranda Infantil etc.

O processo de formação de algumas educadoras aconteceu anteriormente ao Encontro, onde foi definido o local, pois havia duas possibilidades, a primeira era uma creche municipal nas proximidades da UnB assumir o atendimento das crianças do MST; a outra possibilidade seria a organização da Ciranda Infantil num espaço das dependências da Universidade. Por mais que a primeira opção aparentasse maior comodidade e

¹⁴ Ciranda Infantil Itinerante é chamada quando a mesma é organizada em diferentes espaços, conforme a demanda do MST, sejam cursos, encontros, mobilizações, para que as crianças de zero a seis anos tenham um atendimento próprio para sua faixa etária.

tranqüilidade, foi a segunda opção a escolhida, mesmo que necessitasse maior infraestrutura desde cama, colchões, vasilhames etc, por duas razões fundamentais: - as crianças inscritas, na sua grande maioria, eram pequenas e estavam ainda no processo de amamentação e com isso, então, a locomoção das mães até seus filhos seria um dificultador para o processo; - outra questão seria o horário de atendimento e funcionamento da creche não compatível com os horários do ENERA..



Figura 8 – Ciranda Infantil Nacional Itinerante - ENERA - 1997

Definido o local, o próximo passo foi a organização do espaço físico junto com as educadoras, com motivos decorativos para recepcionar as crianças, como também, a orientação no preenchimento da ficha de cadastro das crianças e a divisão de tarefas das educadoras para os diferentes momentos: hora do sono, alimentação, higienização das crianças, o brincar, o passear, levar a criança até a mãe para mamar etc. Além disso foi feita a distribuição do tempo de trabalho e o tempo de folga das educadoras.

Iniciado o I ENERA, deu-se o início do processo da Ciranda Infantil Nacional e, conseqüentemente problemas surgiram: os choros rápidos e os prolongados das crianças ao se afastarem de suas mães, a longa distância entre o local da Ciranda e o Salão de Eventos

onde estavam acontecendo as conferências e o ajuste, tanto das mães como das educadoras, em combinar e organizar os horários e os locais dos encontros para as mães amamentarem seus filhos, o que demorou a acontecer. Faltou também combinação da hora de folga das educadoras, pois, como havia atividade à noite, algumas mães queriam o cuidado das crianças também neste turno e as educadoras queixavam-se de cansaço e de que gostariam de participar das atividades do ENERA, pelo menos à noite.

Do trabalho da Ciranda Infantil do ENERA, foi possível tirar muitas lições e reflexões que contribuíram no processo de outras Cirandas Infantis Itinerantes.

3.2.1 Adaptação da criança às educadoras e ao espaço novo

No trabalho da Ciranda Infantil Itinerante, foi necessário pensar o processo de adaptação das crianças que chegavam, para que elas pudessem realizar a identificação do espaço físico e conhecer as educadoras que iriam acompanhá-las em um determinado período de tempo.

A adaptação precisaria acontecer de forma mais intensa na Ciranda Infantil, já que o espaço de tempo é curto e tudo acontece muito rápido, pois a criança sai de casa, do seu espaço conhecido, viaja horas e horas e chega a um lugar completamente novo, diferente e com pessoas também novas e diferentes. A criança sente e expressa tudo isso, pois todas as suas situações de vida estão modificadas (seu sono, sua alimentação, sua rotina, seus brinquedos e brincadeiras etc). Essas questões referentes à criança não são ainda levadas muito em conta, pois nesse momento do processo, o objetivo principal, na primeira instância, no que se refere ao atendimento das crianças nas Cirandas Infantis, enquanto lugar delas ficarem e a garantia da participação das mães nos trabalhos, já foi alcançado. Mas fica o desafio para que seja desencadeado um processo de adaptação que leve em

consideração as situações e necessidades das crianças, no conjunto das ações e do processo da Ciranda.

3.2.2 A formação necessária e o perfil das Educadoras Infantis

Se o objetivo do trabalho da Ciranda é garantir o atendimento aos cuidados básicos e também o processo educativo das crianças, faz-se necessário formar educadoras referências para esse trabalho, pois não podemos garantir esse processo se um número significativo de educadoras não possuem conhecimento de como organizar a Ciranda Infantil e de como cuidar e educar as crianças.

O processo é complexo e exigente. E por ter essa exigência necessita de uma grande agilidade em buscar conhecimentos e informações, em um curto período de tempo, sobre cada criança envolvida na ciranda, questões essas referentes ao sono, à alimentação, à saúde, aos interesses, gostos e desejos das crianças. Nesse sentido, a educadora tem um papel bem específico, pois é somente ela que poderá intermediar e construir essa relação com a criança e através da criança com sua mãe e/ou responsável.

As educadoras precisam ter bem presentes as suas atribuições dentro da Ciranda Infantil, como também saber destacar entre todas as atividades as necessárias a serem desenvolvidas, tanto as atividades de rotina como as pedagógicas, para após isso, saber diversificar e distribuir minimamente as mesmas, no espaço e no tempo das crianças e da Ciranda.

Chegou-se à conclusão que, no grupo das educadoras, precisa haver uma pessoa com a função de coordenar a Ciranda Infantil, cuidando de toda a funcionalidade – desde os horários, as escalas de trabalho e de folgas, como também, dando agilidade nas questões

que surgem durante o desenvolvimento das atividades. Uma pessoa que propõe/ sugere/ avalia e reencaminha as questões que vão surgindo na vida da Ciranda, centrando seu trabalho na dimensão da vida de infância dessas crianças.

3.3 Processo de formação dos Educadores Infantis no MST

Iniciamos por definir quem são esses educadores infantis. Geralmente são mães ou jovens e adolescentes, em sua grande maioria mulheres (em alguns lugares encontramos homens) com baixa escolarização e conhecimento sobre a infância e sobre a criança dessa faixa etária propriamente dita. A maioria procura transmitir o seu conhecimento adquirido na vida, tendo como referência as experiências mais próximas, com filhos, sobrinhos, ou as recordações fortes da mãe – *“a minha mãe fazia assim.”*

No caso da Educação Infantil, suas monitoras, geralmente mulheres (mas já com alguma presença masculina), têm sido pessoas das próprias comunidades que, voluntariamente ou através da discussão coletiva, passam a organizar um espaço educativo para as crianças pequenas, tentando pelo menos superar a prática da “creche como depósito de crianças”. Não costumam ter escolaridade maior do que o 1^o grau e, na maioria das vezes, iniciam o trabalho sem um processo de formação específico, até pelo “engatinhar” desta frente no MST. (CALDART, 1997, p. 56-57)

Constatando-se essa realidade, fica evidenciada a necessidade de pensar o processo de formação para esses educadores.

Inicialmente, o processo de formação dos educadores infantis leigos era organizado através de informes e sugestões para que houvesse um cuidado melhorado para com o atendimento à criança. Isso acontecia durante a realização das próprias atividades diárias com a criança, sem nada pensado e programado especificamente para elas, como materiais básicos de higiene, recreação, repouso, brinquedos para que as crianças ficassem ocupadas e interagindo com os mesmos e com as outras crianças. E ainda, as mães não têm o hábito

de colocar brinquedos e objetos para as crianças brincarem, em suas bagagens. Diante desses dados, quem sempre saiu perdendo foi a criança, enquanto negação de um espaço de direito, mas, ao mesmo tempo, surge com maior intensidade a necessidade de pensar a formação desses educadores. A necessidade de pensar a formação torna-se mais urgente e exigente, pois precisam ser contempladas e superadas essas demandas inicialmente apontadas. Porém, como o trabalho com as crianças, em especial dessa faixa etária, exige muita atenção e acompanhamento específico, fomos definindo dois eixos básicos que não poderiam faltar no processo de formação dos educadores. – Identificação com a criança e o desenvolvimento das habilidades básicas para seu cuidado, seu atendimento e sua educação.

Foi com base nesses eixos que organizamos a Primeira Oficina de Educadores Infantis, em agosto de 1996, onde tentamos sensibilizar e fornecer o maior número de conhecimentos possíveis sobre a criança: desde o desenvolvimento da fala da criança, o significado de infância, as relações necessárias a serem construídas, os seus direitos, seus espaços de brinquedos e de brincar. Durante a oficina, procuramos organizar e disponibilizar os tempos de leitura, discussões e levantamento de necessidades, troca de experiências e um momento bem específico para as áreas: Música, Brincadeiras e Histórias Infantis.

A Segunda Oficina Nacional de Educadores Infantis, que aconteceu em outubro de 1997, tinha como objetivo contribuir com elementos teórico-práticos para a organização das Cirandas Infantis na base, e aprofundar o que queremos com as mesmas no MST. O estudo foi desencadeado através do aprofundamento de como organizar as crianças e seus espaços infantis, através da distribuição de atividades sugestivas, criativas, com participação das crianças. Também aprofundamos a função do educador infantil em relação à criança.

Ao tratar essas questões com os próprios educadores, ficou evidenciada a fragilidade que a educação infantil tem dentro do MST, pois se percebe uma falta de persistência, de vontade de priorizar o trabalho com as crianças pequenas, não havendo preocupação com todo o processo do seu desenvolvimento, sua saúde, bem-estar, lazer, brinquedo, alimentação...

Como vencer o tão conhecido “depósito de crianças,” onde passam o dia e a maior parte desse tempo desocupadas, “elas brincam entre elas”, diz a educadora. Ou até mesmo crianças à toa, sem nenhum objeto atrativo para pegar, experimentar, descobrir, criar, e, sim, ficando ao redor das suas responsáveis choramingando o tempo todo.

Outra dificuldade diz respeito ao jeito de como as crianças são organizadas e distribuídas, tanto nos espaços como nos diferentes tempos, dentro da Ciranda Infantil. A grande questão está no como formar o educador leigo, dentro desse movimento social, para dar conta dessa diversidade. Essa questão fica bem evidenciada através dos relatos das educadoras e dos educadores quando assessoramos um Encontro Estadual de Educadores Infantis Leigos, aqui no Rio Grande do Sul, promovido pelo Setor Estadual de Educação, no dia onze de novembro de 1998. O encontro tinha como objetivo formar os educadores para organizar as Cirandas Infantis nas áreas de Assentamentos e Acampamentos e foi organizado através de oficinas de capacitação pedagógica, com momentos de estudos e de práticas. A prática foi planejada pelos educadores e consistia em desenvolver atividades educativas e recreativas com as crianças. Para o momento da prática, os educadores contaram com a participação das crianças da COOPTAR¹⁵.

¹⁵ COOPTAR – Cooperativa de produção Agropecuária Cascata LTDA.



Figura 9 – Curso de Formação para Educadores Infantis – Encontro com as Crianças -1998



Figura 10 – Curso de Formação para educadores Infantis – Encontro com as crianças – 1998

Gostaríamos de relatar alguns depoimentos das educadoras, realizados durante o encontro, referentes às situações vivenciadas nas suas Cirandas Infantis:

1) *Cada dia vai uma mãe cuidar das crianças na creche¹⁶ Às vezes, quando a mãe pode, fica até uma quinzena. A dificuldade principal é a adaptação das crianças com as mães diferentes a cada dia - como trabalhar essa adaptação, pois fica bem evidente que as crianças não gostam de vir para a creche – vêm obrigadas. Além do mais, falta estrutura básica para atender essas crianças nas diferentes faixas etárias, espaço para repouso,*

¹⁶ As educadoras, em seus depoimentos, sempre se referiam às suas creches, pois o nome Ciranda Infantil, ainda não tinha sido assumido por esse grupo.

para refeições e a falta de brinquedo. O espaço em que elas ficam o dia inteiro é muito distante da vida das crianças.

2) Outra situação é a do Assentamento de Livramento, de uma mãe educadora que cuida, em sua casa, em torno de quinze a vinte crianças. Ela conta: *Preciso fechar as crianças para poder dar conta, pois sou só uma.(...)as crianças dormem no chão, ou no colchão, ou em uma cama grande. Dormem um do lado do outro, dormem e acordam juntos...*

3) Assentamento 16 de Março – Fazenda Anoni – COOPTAR A cooperativa tem um trabalho especial com as crianças de zero a quatorze anos. As crianças de sete até quatorze anos vão um turno para a escola e no outro prestam serviços à cooperativa e recebem também estudos complementares. As crianças de quatro meses até seis anos recebem atendimento diferenciado; trabalham com massa de modelar, lápis e papel; brincam de roda; fazem lanche coletivo, enfim, são envolvidas o dia todo, porém, a grande dúvida que está preocupando as educadoras é com a organização das diversas atividades para os diferentes níveis e faixa etária das crianças.

Compreendemos que o avanço do trabalho nas Cirandas Infantis, no sentido de considerar a criança e não somente a liberação da mãe para participar das atividades, passa pelo processo de formação diferenciado dos educadores infantis, os quais precisam ser formados para atender as diferentes formas de organização das Cirandas Infantis, pois cada forma exige e tem sua especificidade.

Se tomarmos, por exemplo, o processo de organização da Ciranda Infantil Itinerante, em todos os seus momentos e dentro de cada ação desencadeada pelo MST, iremos perceber que o nível de exigência para com a formação do Educador Infantil é muito grande porque precisa tornar, em um curto espaço de tempo, o ambiente atrativo e

acolhedor, precisam organizar os espaços para que as crianças interajam em diferentes ações e atividades; necessitam conhecer minimamente as crianças e oportunizar a construção de relações no espaço de tempo em que a Ciranda Infantil estiver em funcionamento. É necessário pensar o processo de adaptação da criança em relação à Ciranda Infantil, em relação às educadoras, às outras crianças e às pessoas adultas. Ações e habilidades devem ser desencadeadas junto às crianças, para cada espaço de tempo em que a Ciranda Infantil estiver em ação e para que esse tempo organizado tenha significados para a criança. Como nos diz Oliveira:

A clareza e a significância das propostas apresentadas, a real confiança que o educador demonstra ter na capacidade da criança para realizar uma tarefa, sua sensibilidade para perceber o estilo e o ritmo de aprender de cada criança e complementá-la, construindo junto com ela situações e significações, são ingredientes fundamentais. (OLIVEIRA, 1999, p.70)

Em pesquisa posterior, será necessário dar continuidade e aprofundar algumas questões evidentes e inquietantes, no campo da primeira infância do MST no que tange à garantia dos direitos da criança dentro das Cirandas Infantis e ao processo de formação dos educadores leigos infantis, considerando as seguintes questões: Será que a responsabilidade de garantir um trabalho com as crianças pequenas é somente da educadora que fez o curso, o encontro de formação? Onde entra o compromisso, o envolvimento do conjunto das direções e instâncias organizadas dos Acampamentos, Assentamentos para com a concretização prática dos direitos da criança? Que significado tem a criança, a infância para a organização MST? Será que os significados vão além da utilização das crianças para organizarem as barreiras da frente, no confronto com a polícia? Os significados perpassam a garantia de espaços para as crianças permanecerem, ou ficarem? E no campo familiar, que informações, orientações, conhecimentos precisam ser trabalhados com os pais para que possam assumi-los em relação à educação dos seus filhos?

4 ESTUDO DE CASO SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL NAS ÁREAS DE ACAMPAMENTOS

Para que pudéssemos obter maiores conhecimentos sobre a Educação Infantil nas áreas de Acampamentos, partimos do estudo de caso do Acampamento de Viamão¹⁷, pesquisado no período de setembro de 1998 a fevereiro de 1999, quando interrompemos a pesquisa pois o mesmo estava se desfazendo, já que um grupo foi para um Assentamento e os demais constituíram-se em outros Acampamentos e em outras lutas.

Iniciamos a pesquisa nesse Acampamento, com o propósito de acompanhar os diferentes espaços de circulação, de relações, de cuidados, de lazer, de educação, de afeto e as diferentes situações vivenciadas pelas crianças de zero a seis anos, durante o Acampamento, para depois, acompanhar esse mesmo grupo de crianças, porém na situação de Assentados. Nessas duas situações de vida das crianças, objetivamos acompanhar todos

¹⁷ O Acampamento de Viamão teve origem dia sete de maio de 1998. Esse Acampamento foi a junção dos Acampamentos de Piratini, Jóia e Santo Antônio, esse último já completara um ano de Acampamento. Esses Acampamentos sofreram a ação de despejo, desocuparam as áreas ocupadas e foram participar da Marcha Estadual. No dia dezessete de abril realizaram uma concentração em Porto Alegre, em frente do Palácio Piratini, com uma grande pauta de reivindicações. No período de dezessete de abril a sete de maio, organizaram um Acampamento em frente ao Incra, onde os protestos se deram através da greve de fome e da ocupação do Incra. No dia vinte e sete de abril, foram recebidos pelo presidente do Incra. No dia sete de maio de 1998, foi negociada uma área para o Acampamento, com a prefeitura de Viamão. Desse Acampamento, um grupo de trezentos e setenta e uma famílias, conquistou oito mil hectares de terra e foram assentadas na parada 72 da RS 40 de Viamão. Os outros Acampados dividiram-se em dois grupos. Um grupo foi para o Assentamento Fazenda Alvorada, no município de Júlio de Castilhos, e o outro, para a área do Governo, no município de São Luiz Gonzaga.

os espaços criados para elas, tanto garantindo seus cuidados, como a sua educação, verificando ainda se a proposta de Educação Infantil, através da Ciranda Infantil do MST, corresponde as necessidades, aos interesses e aos direitos da criança cidadã.

Durante o período de pesquisa no Acampamento, acompanhamos toda a sua estrutura organizativa e de manutenção, as instâncias organizadas, como também, mapeamos e acompanhamos treze famílias, totalizando vinte e seis crianças, com idade de um mês a seis anos. O trabalho consistiu em inúmeras entrevistas com as mães das crianças e com muitas crianças também, em muitas visitas aos barracos para acompanhar as suas atividades de rotina na cidade de lonas pretas...

Com a finalidade de oferecer às pessoas acampadas uma vivência nos processos organizativos coletivos e, também, dar funcionalidade ao gerenciamento de todo o Acampamento, foram organizados os setores de trabalho, tais como: da educação, das mulheres, da formação, da animação e da comunicação. Pode-se dizer que esses setores foram espaços de aprendizagens, de vivências e manifestações coletivas, pois foi nesses espaços que as pessoas aprenderam a estudar, a discutir, a experimentar fazer algo prazeroso pela primeira vez e a organizar processos alternativos de vida junto com outros, e, principalmente, aprenderam a organizar encaminhamentos coletivos, para o bem de todos.



Figura 11 – Acampamento de Viamão/RS – Mulheres lavando roupas nos tanques improvisados - 1998

Além da participação nos setores, os acampados constituíam-se em equipes de trabalhos. Para a formação das equipes era feito um levantamento das necessidades das pessoas moradoras do Acampamento, como, também, das suas carências. Daí surge a organização que prevê os cuidados com a segurança, com a alimentação, com a higiene, com a saúde, com a reposição da lenha, com a organização dos barracos, com as vivências religiosas e dos núcleos etc. Essas equipes tinham a incumbência de organizar todo o operacional do Acampamento, isto é, todo o processo de manutenção e da vida funcional dos Acampados, viabilizando, assim, suprir as suas necessidades. As equipes de trabalhos, diariamente, se reuniam durante uma hora, mais ou menos para avaliar, tirar novos encaminhamentos e dividir as novas tarefas.

Nesse Acampamento não havia nenhum processo/trabalho no campo da Ciranda Infantil, mas havia enorme necessidade de atendimento a essas crianças, como também de um acompanhamento especial para as mães grávidas e com bebês recém nascidos. Confirmava-se essa necessidade por dois grandes motivos: pela desnutrição das crianças pequenas e pelo grande número de crianças mortas no Acampamento.

Havia um número significativo de crianças de zero a quatorze anos, chegando a seiscentas crianças e destas, em torno de duzentas, freqüentavam a Escola Itinerante¹⁸ correspondente de 1^a até 5^a série. O Acampamento não sabia o número preciso de crianças de zero a seis anos, porém o que a pesquisa apurou é que havia um grande número de mulheres grávidas e muitas, muitas crianças pequenas. Junto a isso, vinham os problemas da falta de alimentação equilibrada nos valores nutritivos necessários, tanto para a gravidez, como para as crianças em fase de desenvolvimento e crescimento.

¹⁸ O Conselho Estadual de Educação aprovou no dia dezoito de Novembro de 1996, com o nome de Experiência Pedagógica – Escola Itinerante, por dois anos, a Escola Itinerante dos Acampamentos do Rio Grande do Sul. A Escola Itinerante atenderá o Ensino Fundamental de 1^a a 5^a séries e terá como funcionalidade legal a Escola- Base, a Escola Estadual de 1^o grau Nova Sociedade, do Assentamento Itapuã, no Município de Nova Santa Rita.

4.1 As Histórias de vida das crianças do Acampamento de Viamão

A falta de um processo pensado e organizado para as crianças dessa faixa etária, deixa visivelmente um vazio. É sobre esse espaço vazio que gostaríamos de refletir e interagir. Para tanto, realizamos os seguintes levantamentos através da observação participante:

a) Nas ações realizadas durante o período de Acampamento e que envolvem diretamente as crianças pequenas:

Para as crianças pequenas, independente da idade, cabe-lhes o acompanhamento, o estar junto de seus pais (ou somente da mãe). Por isso, podemos dizer que a criança faz parte de todo o processo de luta e conquista da terra junto com seus pais. Elas participam das mobilizações de reivindicações pela terra, são elas que estão junto de suas mães nos momentos de confronto com a polícia (muitas vezes, ou na maioria das vezes, estão no colo da mãe ou frente a elas na hora de fazer a barreira para impedir a polícia de realizar o despejo dos Acampamentos). Esse procedimento do MST tem provocado críticas do Ministério Público e de Organismos, como o UNICEF.

Referindo-se ao Acampamento pesquisado, podemos citar a participação em algumas manifestações coletivas, como a luta pela liberação dos recursos para a continuidade do PRONERA¹⁹. Na ocasião duas turmas da Educação de Jovens e Adultos participaram da ocupação do Incra através da mobilização e das aulas. Outra atividade foi a ação na GM²⁰,

¹⁹ PRONERA: Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. É um programa do Governo Federal, para disponibilizar recursos destinados à formação de professores, formação técnico profissional, para a Alfabetização de Jovens e Adultos e para a Escolarização dos Monitores / Educadores dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Essa escolarização é feita por Universidades e os recursos são disponibilizados também em nível Nacional.

²⁰ GM – General Motors. Empresa Americana do Setor de Automóveis, instalada no Brasil em 1925. No ano de 2000, foi instalada sua mais nova linha de montagem, no município de Gravataí - RS.

articulada pelos sindicatos. O Acampamento de Viamão participou do protesto com um grupo de quatrocentos assentados, entre eles, homens, mulheres e crianças. Essa ação de protesto deixou muitas marcas, tanto nos adultos como nas crianças. O confronto com a polícia foi grande, alguns quebraram a perna, outros foram atacados e mordidos pelos cachorros da guarda policial e grande número de adultos e crianças foram atingidos pelo gás lacrimogêneo, como nos conta Geraldo, Membro da Direção do Acampamento: *No meio do tumulto, durante o confronto, os adultos urinavam nas camisetas para colocar nos olhos das crianças, para que o gás lacrimogêneo não fizesse mal a elas. Esse episódio, também faz parte das brincadeiras das crianças hoje.* (fev/99).

Essa ação ficou marcada na memória dos acampados e principalmente das crianças, pois a brincadeira preferida passou a ser de polícia e Sem Terra. Junto a essa marca, fica evidenciado uma grande questão: em que esse meio social contribui para essas crianças? Que interações e significações são construídas por essas crianças? Tais perguntas nos fazem refletir sobre os resultados dessas interações e os significados que essas crianças constroem num momento como o descrito acima, principalmente, se tomarmos a citação de Rosseti-Ferreira:

É através das interações com o meio e especialmente com outros indivíduos que o ser humano constrói sua consciência e subjetividade, é no confronto de significações entre os indivíduos que se dá a construção de formas mais elaboradas de perceber, memorizar, solucionar problemas. (VIGOTSKY apud ROSSETTI-FERREIRA, 1997)

Refletindo do ponto de vista da criança, há que perguntar: O que representa para elas a participação num ato como esse? Será que pelo menos alguém as informou sobre onde iriam, o que haveria lá, sobre o que poderia acontecer? Será que não é papel da direção do Acampamento e do Movimento, com um todo, trabalhar essas questões junto aos responsáveis pelas crianças? Tem esse papel sim, pois é essa Direção Coletiva que tem melhor sistematizado e elaborado a concepção, o projeto de vida, de valores e de direitos da pessoa humana, através da Reforma Agrária, e, portanto, não pode deixar de assegurar os direitos básicos da criança, como o direito à segurança. E o que fica no imaginário da

criança? Quais significados constrói? Será que os significados estão representados na ação do brincar, através das vivências reais, como no caso de urinar na camiseta para neutralizar o efeito do gás lacrimogêneo nos olhos das crianças? E como trabalhar e quem irá trabalhar com questões como essas colocadas pela mãe da Michele, de quatro anos e da Riquele, de três anos: *Elas ficaram traumatizadas devido o confronto com a polícia*. Já a mãe da Daniele Francine, de cinco anos e da Fabiele, de três anos, acrescenta: *Lá em Santana do Livramento elas acordavam à noite chorando com medo da polícia*.

b) No grande número de crianças mortas no Acampamento.

Uma das causas da mortes era que a maioria das famílias não tinha tarimba²¹, daí começaram a agravar-se os problemas respiratórios. No Acampamento de Viamão teve doze crianças mortas, sendo que quatro morreram de problemas respiratórios, uma por acidente: – a criança tinha oito meses e era a nenê de uma família de sete irmãos, ela se virou enquanto estava dormindo e caiu dentro do balde de água. Outra com problema renal e as demais pela falta de estrutura/precariedade do Acampamento e pela desnutrição. Um exemplo desse caso foi a criança velada no Incra. A respeito dessa criança, Geraldo²² - membro da Direção do Acampamento, relatou: *a criança nasceu no Acampamento, a partir dos dois meses, começou a ficar doente. Ficou internada na PUC, voltou para o Acampamento e foi internada novamente. Daí a direção do Acampamento aconselhou que a mãe voltasse junto com a criança, para seu local de origem. Lá ela piorou e ao retornar a criança já estava muito mal e foi internada no hospital de Clínicas e não teve mais volta*.

Ao visitarmos um dos tantos barracos, a primeira queixa foi em relação à criança que morreu: *Veja professora, diz a senhora, o meu netinho bem gordo e forte e aquela criança que morreu, morreu de fome*. Esse episódio aconteceu no dia dezoito de novembro de 1998.

²¹ Tarimba é a cama construída rústicamente pelos acampados com paus roliços amarrados por cipós

²² Geraldo foi Frei Capuchinho por quatorze anos e por ter sido frei, assumia a tarefa de enterrar as crianças no cemitério de Viamão.

Uma das medidas tomadas para sanar a situação foi decorrente de uma ação da justiça, que resultou na construção do pavilhão de madeira para atender e tratar as pessoas, o que aconteceu em setenta e duas horas. O pavilhão tinha espaço reservado para o atendimento das pessoas doentes e para as mães ficarem com seus bebês recém – nascidos.

Junto ao Pavilhão funcionava a farmácia do Acampamento, onde dois voluntários eram atendentes. A preocupação era em relação a grande quantidade disponível de remédios de amostra grátis e com a indicação de tal medicamento aos doentes, que era feita somente através da leitura das indicações da bula e também de algumas orientações realizadas pela Secretaria Municipal da Saúde.

Outra medida tomada foi a organização para a realização do sopão como reforço alimentar para as crianças até seis anos e para as mães gestantes. O sopão era servido uma vez ao dia e cada família era responsável de buscar a sua cota. A quantidade de sopa era determinada pelo número de crianças e mães inscritas.

c) Na organização das atividades, os pequenos também prestam contas das suas tarefas e obrigações.

Ainda cabiam às crianças aquelas atividades bem básicas da casa, como lavar a louça, varrer a casa (barraco), puxar a água. No cotidiano, elas acompanhavam suas mães na hora de irem lavar as roupas, nos cuidados dos irmãos etc.

A menina Daniele Francine (cinco anos) relata bem essa situação, pois já lavava a louça, passava bombril nas panelas... *já tomava conta das pequenas coisas*, como dizia

sua mãe. Porém, enquanto fazia isso, ficava admirando a “casa bonita” que ficava no alto, nas proximidades do Acampamento e dizia: *Eu odeio esses barracos.*

Nas nossas observações, acompanhamento de atividades e entrevistas, uma questão ficou fortemente explicitada através das próprias falas/depoimentos e das ações/atividades dos adultos: a diferença entre a distribuição de tarefas para os meninos e para as meninas. Os meninos podiam jogar bola no campo, enquanto que para as meninas as atribuições eram as mais diversas, como as citadas anteriormente.

Gostaríamos de ilustrar a questão do trabalho infantil com duas situações vivenciadas dentro do Acampamento pelas crianças: Daniele Franciane, de cinco anos e Luziane, de dois anos e quatro meses. Daniele como já foi dito, já tomava conta das “pequenas” tarefas: lavava louça, passava bombril nas panelas, lavava as roupas pequenas da casa. Já a Luziane estava na fase “do eu faço, eu ajudo”. Adorava ir buscar água junto com o pai ou a mãe. Seu pai teve que fazer um baldinho para ela ir buscar água junto com ele (uma latinha de leite em pó, com a alça de arame e, no lugar de pegar, um suporte de mangueira) Dizia a mãe que ela ficava em função com o baldinho o dia inteiro. Com dois anos já brincava de trabalhar. As duas crianças referidas vivenciavam situações de trabalho - uma era obrigada a fazer, a cumprir e prestar conta, diariamente, de suas tarefas, a outra tomava a situação como prazer, como brinquedo. Outros exemplos, que vivenciamos no trabalho de observação participante, foram:

Pegamos a cena acontecendo em um dos tantos barracos – uma criança de três anos com uma bacia grande, cheia de água, com um pedaço de tábua dentro da água e algumas peças de roupas suas e da sua boneca. O sabão (de verdade) estava ao lado da bacia. A criança não conversou conosco, colocava a peça de roupa sobre a tábua, passava sabão e ensaiava lavar. A mãe dizia: *é isso que ela quer fazer todo o dia, fica brincando de lavar roupa.*

Outra situação que vivenciamos ilustra a mesma problemática:

Três crianças puxando água, duas com baldes e uma com um galãozinho. O peso era tanto que elas se curvavam ao dar dois ou três passinhos e ainda a água ia derramando, pois os baldes/galão iam batendo nas suas perninhas. Elas ainda discutiam (em uma das paradas) para achar um jeito de a água não derramar e também para andarem mais rápido. Essa cena presenciamos, quando as meninas estavam passando por vários grupos de “homens” acampados que estavam sentados conversando e nenhum teve alguma reação ou se sentiu incomodado.

d) Na observação da Primeira Infância no Acampamento, seus brinquedos, suas brincadeiras e os espaços de interações.

Que atrativo terá para uma criança pequena ficar dentro de um barraco de lona preta cheia de calor, não tendo o direito nem de ir brincar no único espaço agradável para ficar no verão, o chamado MATINHO²³. Mas será que isso é suficiente para um movimento social que tem como Bandeira a luta por justiça, valores humanistas etc.? Como mantê-las ocupadas, com diferentes atividades educativas, garantindo seu desenvolvimento cognitivo, físico, afetivo etc.? Há uma especificidade nas atividades educativas desenvolvidas com as crianças que participam desse Movimento Social ou será que criança é sempre criança, podendo receber o mesmo tratamento, independente do meio social onde vive? (...) o objeto da ação mental vem do exterior, isto é, do grupo, ou ambiente no qual o indivíduo se insere. (GALVÃO. 1996, p. 29)

Através das visitas aos barracos e das entrevistas com as mães, podemos constatar que os bebês permaneciam dentro dos barracos e muito agasalhados e cobertos. Segundo o entendimento das mães, os bebês precisavam ser enrolados no cueiro, com touca na cabeça e permanecerem em ambiente escuro enquanto dormiam. Ao mesmo tempo, sabemos o

²³ MATINHO- uma pequena área de reserva ambiental nos fundos do Acampamento. Os acampados limpavam um pedaço para permitir a utilização da mesma.

quanto é importante para a criança a troca de ambientes fechados por espaços abertos, desde pequena.

O que o Acampamento oferecia de novo, de diferente em relação a adquirir outras experiências para essas pessoas? Caberia ser feito um trabalho orientativo e de acompanhamento para as mães e os acampados de modo geral, para conseguirem ter e oferecer uma boa saúde para os seus, dentro dos barracos, como a importância da ventilação, o uso de roupas adequadas às temperaturas, cuidados com água de beber, cuidados com a higiene, principalmente com o banho das crianças pequenas.

O espaço de brincadeiras para as crianças pequenas era o Matinho do Acampamento, isso quando as mães levavam seus filhos. No universo de vinte e seis crianças pesquisadas, somente cinco iam com frequência ao matinho, como afirmavam suas mães:

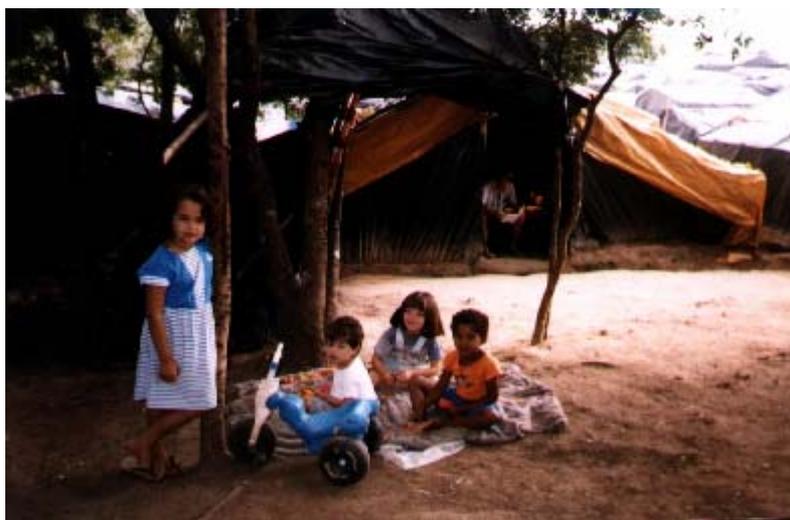


Figura 12 – Acampamento de Viamão/RS – Crianças brincando no matinho – 1998/99

É difícil elas ficarem dentro do barraco, vamos brincar no matinho (Jossiele - dois anos, Katielle – dois anos, Andrielle – um ano e meio).

Levo o Leonardo (cinco anos) para o campo de futebol e no matinho, ele brinca sozinho e às vezes com outras crianças, brincam com areia e com terra.

A Rubiana (quatro anos) gosta de brincar com seu ursinho que ganhou no sorteio realizado no Acampamento. Geralmente fica dentro de “casa”, porque as outras crianças brigam com ela. Não deixo ela solta pelo Acampamento e sempre acompanho ela até a sombra do matinho.

Ao mesmo tempo, era raríssimo encontrar brinquedos ou algo com que as crianças pudessem brincar. Entre as pesquisadas, encontramos vários brinquedos com o Marco Aurélio (três anos) e o que ele mais gostava de fazer com eles era a troca de brinquedos com as outras crianças, e, é claro, com a devida autorização dos pais. A mãe dizia que *ele insistia muito na autorização e acabava sempre vencendo os pais.*

Como vimos, os espaços de desenvolvimento da ação do brincar eram muito restritos para as crianças do Acampamentos e, sendo assim, nos perguntamos: Como fica a construção das habilidades físicas, cognitivas, emocionais e sociais que são desencadeadoras através da ação do brincar das crianças e entre as crianças? Sobre essa questão abordada, nos reportamos ao autor Euclides Redin, quando nos coloca: “ A atividade é a mediação universal para o desenvolvimento e a construção de todas as habilidades humanas. De todos os elementos do brincar este é o mais importante: o que a criança faz e com quem determina a importância ou não do brincar.”(REDIN, 2000, p. 60).

Outra constatação significativa, encontrada no grupo das crianças pesquisadas, era a falta de espaços para interações das crianças, que não acontecia somente em relação aos



Figura 13 – Acampamento de Viamão/RS – Criança brincando no matinho – 1998/99

brinquedos, como também, em relação à interação com diferentes objetos e materiais.

A mãe de Leonardo (cinco anos) dizia que ele ganhava papel e lápis e ela fazia os desenhos para o filho e lhe ensinava a contar. Como a mãe gostava de ler histórias em quadrinhos, ela lia algumas para Leonardo, porém o que ela mais gostava era de contar histórias da literatura infantil para ele.

Ainda apuramos que duas mães gostavam de cantar e ensinavam seus filhos a cantar e outra mãe relatou que gostava de “prosear” bastante com suas três filhas.

Através dos elementos levantados naquela realidade de Acampamento, ficou evidenciada a necessidade de haver um trabalho educativo em relação a crianças na faixa etária de zero a seis anos.

4.2 Experiência de trabalho com as crianças de zero a seis anos, no Acampamento da Giacomet

É em cima dessas deficiências em relação aos cuidados com as crianças e também à falta de espaços de aprendizagens, que gostaríamos de fazer o registro de uma experiência com trabalho de crianças de zero a seis anos, de um Acampamento em 1996, conhecido como o Acampamento da Fazenda Giacomet²⁴.

²⁴Giacomet- Acampamento localizado às margens da Br 158, no Município de Rio Bonito do Iguacú/PR. Formado por dez mil pessoas, no ano de 1995, permanecendo acampados por dois anos e meio. A primeira parcela de assentados foi formado por novecentas famílias constituindo, assim, o Assentamento Ireno Alves, em meados de 1998. A Segunda parcela de assentados foi formada por seiscentos e quatro famílias, constituindo o Assentamento Marcos Freire, no final de 1998. Ambos no mesmo município. (Dados obtidos por telefone através da Secretaria Estadual do MST/PR, 2001)

No Acampamento Giacomet, a escola estava organizada e funcionando com o ensino fundamental, de 1^a a 8^a séries e turmas do EJA – Educação de Jovens e Adultos. A grande necessidade era organizar o atendimento para as crianças de zero a seis anos de idade, já que nessa faixa etária, no Acampamento, não faltava público e, o pior ainda, na sua grande maioria encontravam-se aglomeradas nos barracos de lona preta junto com suas mães e sem espaço externo nenhum para seus encontros e brincadeiras. Em cima dessas necessidades, o Setor de Educação do MST, do estado do Paraná, organizou uma Oficina de Capacitação Pedagógica, no período de sete a nove de outubro de 1996, no próprio Acampamento.

Nesse Acampamento, o único trabalho que havia na área da educação infantil, nessa época, era o da Pastoral da Criança e que estava mais aproximado com a área da saúde. Essa oficina foi o pontapé inicial e tinha como objetivo organizar os espaços para as crianças, mapear os educadores infantis e confeccionar materiais e brinquedos, para dar suporte ao desenvolvimento e à continuidade do trabalho.

Após termos realizado o mapeamento dos educadores infantis, iniciamos o trabalho com o levantamento de impressões, deficiências e necessidades existentes no Acampamento, em relação ao atendimento e aos cuidados com as crianças pequenas. As questões levantadas pelos educadores infantis foram:

1-Vários pais não tinham relacionamento algum com os filhos, devido à vida do Acampamento, não havia ganho. Era uma vida sem resposta. Existia pouco diálogo com os filhos, as crianças eram jogadas como um João Ninguém, eram mandadas para fora do barraco para não incomodar. Assim, como havia pais que largavam seus filhos e deixavam que fossem para a rua, tinha os que cobravam pontualidade para retornar ao barraco.

2 - A área da saúde era muito deficitária, havia muitas crianças desnutridas, e falta de pessoas qualificadas para atender às crianças. A medicina alternativa e a alimentação alternativa também funcionavam com precariedade, pois havia muita falta de alimentos e a multimistura não era bem aceita por algumas crianças. Algumas pessoas tinham a compreensão de que a ordem de prioridade do atendimento, era para priorizar as crianças, mas diante de tantas necessidades e dificuldades do dia-a-dia do Acampamento, acabavam acontecendo algumas tragédias.

3 - Em toda a área do Acampamento não foi pensado um espaço para as crianças poderem brincar, se encontrar com as outras crianças e por isso mesmo que elas foram o atrapalho dos adultos, ficavam em volta dos mesmos, desocupadas o dia inteiro. A necessidade de definir um local do Acampamento onde iriam brincar, era urgente.

4 - Além de todas essas questões levantadas é pertinente colocar que uma grande maioria de crianças do Acampamento trabalhavam, e trabalhavam bastante, algumas vendendo sabão, cigarros; outras cuidando dos maninhos, puxando água, varrendo o barraco.

O trabalho de formação dessa oficina de capacitação, organizado pelo Setor de Educação do MST do estado do Paraná, realizada com os educadores infantis do Acampamento, constituiu-se em vários momentos:

a) Estudo e discussões com temáticas específicas na área da educação infantil, como: brincadeiras de criança, adaptação e organização de espaços infantis, trabalho com música e movimentos e a sexualidade da criança e suas fantasias. Um turno de estudo foi realizado juntamente com as mães e os pais do Acampamento.

b) Oficinas de confecção de materiais para auxiliar no desenvolvimento do trabalho com as crianças, como bandinha musical e canções, confecção de bonecos de pano, de sucata e bolas de meias. Organizar e classificar, entre os materiais doados, revistas, lápis, folhas, caixas, potes. Classificar e restaurar os brinquedos usados e organizar materiais para contar histórias infantis. Na parte das oficinas houve grande envolvimento de mães e de crianças maiores, tanto na organização e classificação de materiais como também na restauração dos brinquedos usados.

c) Atividades práticas com as crianças de zero a seis anos do Acampamento, realizadas pelos Educadores. Através dessa atividade do curso, conseguiu-se mobilizar várias instâncias e setores do Acampamento em relação à educação infantil, para que assumissem o compromisso de realizarem ações freqüentes voltadas a esse público.

Para a realização dessa atividade, foi feito todo um trabalho de sensibilização dos acampados, tanto nas reuniões dos setores organizados do Acampamento, como também através do sistema de som. A sensibilização foi em torno da participação das crianças e da definição do local destinado para elas brincarem.

Enquanto isso, o grupo de educadores realizava o planejamento das atividades e dividia as tarefas e funções. No primeiro momento, aconteceria a recepção e a acolhida das crianças, no local definido pelo Acampamento para realização dos encontros e brincadeiras, através de entoações de várias canções infantis. No segundo momento, as crianças seriam divididas em quatro grupos, onde iriam, juntamente com um educador, até o local da oficina para realizar a atividade definida e específica para cada grupo – grupo das brincadeiras de roda, - grupo para brincar com os brinquedos restaurados, - grupo das atividades com diferentes bolas, - grupo das canções e histórias infantis. Os grupos foram montados aleatoriamente, porém o grupo que concentrou mais bebês foi o das canções e histórias infantis, isso porque o educador, ao organizar o espaço, pensou também em organizar um local bem confortável e aconchegante para os bebês, apesar da simplicidade

da lona preta esticada sobre forma de tapete, as almofadas para as crianças ficarem sentadas ou deitadas e diferentes brinquedos para bebês.

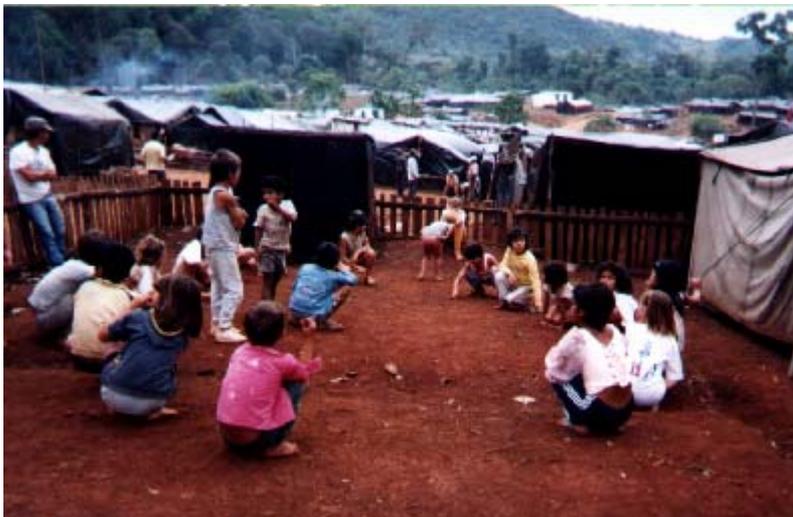


Figura 14 – Acampamento Giacomet/PR – Grupo da Oficina de Brincadeiras de Roda

O terceiro momento constituiu-se no reencontro de todas as crianças, foi servido uma deliciosa pipoca e depois o encerramento com danças, canções infantis e trezininhos. Logo após, o trezinho foi passear pelo Acampamento e, na volta, ia deixando as crianças próximas de seus barracos.

A atividade prática foi um sucesso. Através dela pudemos instigar para que fosse assegurado dois grandes direitos prioritários da criança – **o direito de brincar e o direito de acesso ao brinquedo**, mesmo sabendo da necessidade de haver pessoas comprometidas com o processo para organizar os espaços, coordenar as ações e criar as condições objetivas para a viabilidade desses direitos.

A criança se expressa pelo ato lúdico e é através deste ato que a infância carrega consigo as brincadeiras que perpetuam e renovam a cultura infantil, desenvolvendo formas de convivência social, modificando-se e recebendo novos conteúdos, a fim de se renovar a cada nova geração. É pelo brincar e repetir a brincadeira que a criança sempre saboreia a vitória da aquisição de um novo saber fazer algo, incorporando-o a cada novo brincar. (DORNELLES, 1998, p. 91)

É necessário oportunizar um espaço de relações, de descobertas de novas coisas, de troca de experiências entre crianças, algo que ultrapasse os barracos de lona preta, algo que seja cheio de vida como uma criança, pois é através dessa energia de vida que ela é capaz de mobilizar os adultos. Isto é tão verdadeiro, que se comprovou com a participação das mães trazendo as crianças para participarem da atividade prática, pois, logo após, elas estavam torcendo, aplaudindo a participação do seu filho na atividade e ainda fazendo expressões de medo do Lobo Mau ou ficando felizes pelo sucesso da Chapeuzinho Vermelho, enquanto o educador relatava a história. Na hora da viagem do trenzinho a participação dos adultos foi grande, a viagem ficou marcada pelas risadas de satisfação e timidez dos adultos, como quem diz: como é bom brincar, venham brincar vocês também...

Outra questão que exige de reflexão diz respeito à montagem, à organização de uma infra-estrutura mínima quando é programada qualquer atividade que envolve criança, isso vai desde ter água no local para consumo e higiene, lugar para sentar, para lanche, disponibilizar banheiros, pois precisamos garantir, no mínimo, os cuidados básicos para elas, e, no caso do Acampamento, oportunizar outras referências necessárias para o bem estar de qualquer pessoa. Sobre essa questão, gostaria de exemplificar com situações que ocorreram durante o trabalho com as crianças – durante a realização das atividades práticas, as crianças correram, saltaram, engatinharam na lona, pegaram objetos, comeram a pipoca e ninguém se preocupou em organizar a lavagem das mãos das crianças e, também, não foi oferecido água para tomar durante todo o período de realização dos trabalhos.

Cuidar tem significado. Cuidar inclui preocupações que vão desde a organização dos horários de funcionamento da creche, compatíveis com a jornada de trabalho dos responsáveis pela criança, passando pela organização do espaço, pela atenção aos materiais que são oferecidos, como brinquedos, pelo respeito às manifestações da criança. (BUJES, 1998, p.12)



Figura 15 – Acampamento Giacomet – Oficina de Capacitação Pedagógica para Educadores Infantis –
Hora do Lanche – 1996

Outra questão, que essa prática apontou, foi em relação ao educador infantil leigo. Os educadores podem até apresentar limitações na parte didática e pedagógica, porém apresentam vontade de agir pelo desafio, pelo desejo. E são muito significativos, no trabalho com crianças, esses sentimentos verdadeiros e o retorno por parte das crianças é imediato. Outra lição diz respeito à organização dos grupos de crianças para cada oficina. Os grupos

foram montados aleatoriamente, nenhum educador ou educadora se preocupou em agrupar as crianças por idade, e se fosse um grupo de professores essa seria a preocupação principal. Isso se constitui em questão de discussões atuais entre os Educadores de Educação Infantil.

Acreditamos que precisamos garantir espaços freqüentes de ações e interações comuns às diferentes idades das crianças de Educação Infantil e não somente o específico das idades. Pois a diversidade de idades de crianças de zero a seis anos, promove momentos mais intensificados de interações das relações afetivas, humanas e com o meio físico, através das experiências do brincar com todos aprendendo a coordenar suas ações com as ações de outras crianças, superando e avançando na diversidade de elaboração de questionamentos, de hipóteses e na busca de respostas, no decorrer do processo. Assim, fica mais intensificado o mundo do faz de conta, da fantasia, da criatividade e das possibilidades em transformar as experiências de aprendizagens e significados já conhecidos, em elementos novos de conhecimento (OLIVEIRA,1999).

5 - ESTUDO DE CASO DE UMA CIRANDA INFANTIL EM UMA COOPERATIVA

5.1 – História da Ciranda Infantil na COOPAN

A história da Ciranda Infantil na Coopan²⁵ está marcada por dois grandes momentos. O primeiro momento é o período do funcionamento da creche no alojamento do Assentamento, e o segundo é o período de funcionamento da creche na agrovila da Coopan, onde foi construída, pela cooperativa, uma casa de madeira, para abrigá-la.

A creche iniciou seu funcionamento no ano de 1995, quando um grupo de cinquenta e oito famílias cadastradas, recentemente assentadas, estavam determinantemente convencidas de que iriam organizar a produção de forma coletiva, pois este era o sonho do grupo, desde a época do Acampamento, através de uma associação e posteriormente a fundação da cooperativa – Coopan. Junto à organização coletiva da produção, aparece a necessidade da liberação da mão de obra das mulheres da associação. Surge, então, a creche.

²⁵No capítulo número um foi registrada a história e a organização da COOPAN.

As crianças da creche eram atendidas no alojamento do Assentamento, no mesmo espaço em que as cinquenta e oito famílias cadastradas moravam, até ser iniciada a construção da agrovila. O atendimento às crianças era feito pelas educadoras Rosimere, Beti e Reni, dentro dos seus próprios espaços de moradia do alojamento, pois não havia espaço específico para o atendimento às crianças. Nessa época se atendia em torno de dez crianças com idade entre zero a sete anos, sendo que o maior número era de crianças pequenas, de um a dois anos. O atendimento acontecia no turno da tarde.

Já nessa época, os critérios para a participação das crianças na creche eram bem definidos, pois somente as mães que prestavam serviços no grupo coletivo é que poderiam deixar seus filhos na creche, como afirma a educadora Reni: *Nós que cuidávamos das crianças era essa a nossa prestação de serviços no grupo coletivo, lá no alojamento.* No ano de 1995, as educadoras ganhavam suas remunerações conforme o número de horas trabalhadas na creche. O valor da hora paga para as mesmas, era descontado das horas trabalhadas dos pais da criança. Esse procedimento era tomado devido ao grande número de solteiros sócios do grupo coletivo. Hoje, as educadoras infantis da Ciranda Infantil são pagas da seguinte forma: a cooperativa paga quando o pai e a mãe da criança desempenham seus trabalhos na mesma; e quando somente o pai ou a mãe trabalha na cooperativa, cabe a metade do pagamento para cada parte envolvida, isto é, oito horas mês para o pai ou a mãe e oito horas mês para a cooperativa.

No ano de 1996 não houve atendimento às crianças na creche, pois foi definido que a cooperativa construiria uma casa de madeira como espaço específico para atender as crianças.

Em janeiro de 1997 reiniciou-se o trabalho de atendimento às crianças da creche, na casa da agrovila, com as educadoras Lurdes e Valéria, no turno da tarde. A educadora Valéria relata como era seu trabalho: *Como não tinha nada disponível no ambiente da creche, a gente fazia o possível para segurar as crianças com as brincadeiras, nem rabiscar*

a gente rabiscava porque não tinha folha de papel. Ficávamos cantando e brincando de roda, etc.

Um dado muito significativo é que, neste ano de 1997 havia muitas crianças na creche e, dentre estas, muitas crianças pequenas, como nos conta a educadora Valéria: *Uma coisa que eu achei importante foi ter começado do nada, só uma casa vazia e um monte de crianças, tinha dezesseis crianças; e hoje tem cadeirinha, tem brinquedos. Saber que quando a gente começou não tinha nada, somente uma casa e tinha que inventar o que podia para segurar eles, a tarde inteira.*

É devido a essa falta de materiais que as próprias crianças pequenas eram os brinquedos das crianças maiores *na época*, lembra a educadora e mãe Lurdes. *O Mateus era pequeno e ficava sentado dentro de uma bacia verde, a tarde toda e as outras crianças ficavam puxando ele. Eles gostavam muito dos pequenos, queriam pegar eles no colo, andar com eles prá lá e prá cá, a gente tinha que ter um certo cuidado para eles não derrubar os pequenos no chão e nunca deu problema dos maiores machucarem os mais pequenos. O atendimento das crianças na creche, continua contando Lurdes, era mais ou menos assim, enquanto uma cuidava dos pequenos na troca de fraldas e cuidando deles porque ainda não brincavam, a outra educadora brincava com os maiores.*

No ano de 1998, o atendimento continuou acontecendo no turno da tarde, com as mesmas educadoras. A atividade que elas destacaram foi a realização de uma campanha para arrecadação de brinquedos para a creche, a qual envolveu toda a cooperativa.

No início de 1999, o funcionamento da creche passou para turno integral. O motivo da ampliação do turno foi o aumento dos serviços no matadouro, pois este abrigava o maior número de mulheres trabalhadoras. Elas precisaram aumentar a jornada de trabalho também para tempo integral.

Conforme definição e aprovação em Assembléia da Coopan, a educadora Lurdes continua com o trabalho de atendimento às crianças da creche e entra a educadora Alvanir Balbinot, no lugar da Valéria que havia solicitado remanejamento de setor.

Neste ano iniciou-se a discussão em torno do nome Ciranda Infantil e foi assumido pelas educadoras e pela cooperativa, enquanto proposta de Educação Infantil do MST, em substituição ao nome creche.

Quanto às crianças pesquisadas e pertencentes à Ciranda Infantil, nesse ano de 2000, há um total de treze crianças, com idade entre zero a seis anos, assim distribuídas: uma criança com menos de um ano, duas crianças com dois anos, uma criança com três anos, duas crianças com quatro anos, quatro crianças com cinco anos e três crianças com seis anos. Desse total de crianças, cinco freqüentam a Ciranda Infantil em tempo integral e oito somente no turno da tarde. Esse número de crianças na Ciranda Infantil se mantém quando os períodos de trabalhos na cooperativa ficam mais intensificados.

As crianças da Ciranda Infantil continuam recebendo os cuidados e os atendimentos das educadoras infantis Alvanir Balbinot, conhecida como “ Baixinha “, sendo este seu segundo ano de trabalho na Ciranda Infantil. Estudou até a 4ª série. Trabalhava anteriormente no setor do leite e atendia a farmácia alternativa. Quando questionada sobre seu trabalho com os pequenos, expressou: *para mim ajudou muito, pois comecei a ler mais, a contar história, aprendi a ter paciência. Eu voltei a ser criança.* Baixinha trabalha junto com a educadora Lurdes Marcon, que completou quatro anos de trabalho na Ciranda Infantil. Lurdes estudou até a 5ª série, trabalhou nove anos em casa de família e morou com essa família até o oitavo mês da gravidez e depois veio morar no Assentamento.

As educadoras participam dos cursos de formação dos educadores infantis, promovidos pelo Setor de Educação do MST, tanto em nível nacional como estadual. No

mês de outubro de 1999, houve uma semana de curso para as educadoras infantis leigas da Região Sul/MST, realizado no Assentamento Conquista da Fronteira, em Dionísio Cerqueira/SC. No ano de 2000 houve um curso de formação para as educadoras Infantis leigas, realizado em parceria, Setor de Educação do MST/RS e Secretaria Municipal de Educação do Município de Canoas, para as educadoras do MST e da rede municipal de ensino. É através dos cursos e encontros de formação, e também das oficinas de capacitação pedagógica, que a Ciranda Infantil estabelece relação com o Setor de Educação do MST/RS. Como argumenta Reni, ao ser levantada a questão de como se dava a participação e qual era a contribuição do MST, através do Setor de Educação, na proposta de educação infantil, através da Ciranda Infantil: *O MST ajuda a construir, a dar elementos para nós voltar e fazer na prática a nossa proposta, agora é nós que temos que discutir o que fazer e como fazer.*

Buscamos investigar junto ao grupo de educadoras os avanços e lições que o processo mostrou em relação à discussão em torno da temática Creche e Ciranda Infantil, desencadeada com as pessoas sócias da cooperativa, desde o início do trabalho até hoje. A educadora Reni faz o seguinte depoimento em cima dessa questão: *A diferença de antigamente para hoje é que a creche funcionava para liberar a mão de obra da mulher²⁶ e hoje é mais a questão da educação . Antes era chamada de creche e hoje de Ciranda Infantil – apesar de que antes nós já discutia proposta de educação , que proposta que os pais queriam , como queriam que educassem seus filhos ... Hoje se teve avanço. Antes fazíamos a discussão em relação a criança e hoje é outra bem melhor , os pais estão percebendo que seus filhos estão avançando. Tem muita diferença sim, quando iniciamos, os solteiros que não tinham filhos não queriam nem saber em conversar sobre “ criança “, hoje em dia a grande maioria está casado, tem filhos e aí a necessidade empurra e também, a discussão da cooperativa acontece em todos os campos/áreas e com todos . Eles foram percebendo durante o processo, que a Ciranda Infantil não existe somente para liberar a mão de obra, que o seu papel não é somente econômico e é também o educativo. Naquela época nós discutíamos, mas não era fácil de entender, tudo é um processo. Para conscientizar os pais sobre a creche nós fazíamos reuniões sobre o que era prioridade para*

²⁶ Argumenta a educadora: “Nesse período, a luta por creche era das mães para que pudessem participar da produção.”

os pais. A prioridade deles sempre foi a produção. Hoje o processo é mais participativo pelo conjunto da cooperativa, onde sentamos e discutimos o Processo da Ciranda Infantil e fazemos avaliação: sobre o que eles acham da evolução das crianças e o que poderia ser melhorado.

A educadora Alvanir destaca que o avanço também está acontecendo em relação ao nome Creche e Ciranda Infantil, e faz a seguinte declaração: *As mães ainda chamam a Ciranda Infantil de creche, mas as crianças já se acostumaram com o nome Ciranda Infantil. Elas sabem que creche é dos porquinhos*²⁷.

Colhemos junto aos pais das crianças, através das entrevistas, depoimentos referentes aos seus sonhos, seus entendimentos e suas expectativas em relação à infância de seus filhos. Que foram assim colocados:

1- Carlos Alberto, pai da Anaterria (4 anos) – *Na infância devemos responder todas as perguntas, curiosidades, informações da criança para ir aprendendo a ler o mundo. Explorar ao máximo o brincar, o fazer, o deixar fazer seus interesses e construindo o limite.*

2- Maria, mãe da Miriam (5 anos) – *Quero dar estudo para ela. Penso muito e me preocupo com sua educação, se dar bem com as pessoas e gostar e respeitar as pessoas. Gostaria que ela não fosse tímida como eu.*

3- Anoir, pai da Jéssica (6 anos) – *Não quero que elas (referindo-se também ao bebê) passem o que eu passei, que tenham um nível melhor de vida.*

²⁷ A cooperativa construiu a creche para os porquinhos. Eles vão para a creche após o desmame, quando tem em torno de trinta e cinco dias de vida, permanecendo nela durante o período de crescimento.

4- Beloni, mãe da Jaqueline (6 anos) – *Infância é um tempo que precisamos conversar bastante com elas para que vão aprendendo. Aproveitar esse tempo porque passa bem rápido.*

5- Lurdes, mãe do Mateus (4 anos) – *Procuramos dar uma educação melhor, aprender a respeitar as pessoas.*

6- Valéria, mãe da Wingridi (5 anos) e Katielli (5 meses) – *Criança tem que brincar, acho que está bom para ela, ela se sente feliz, somos mais de conversar e não de surrar. Conversamos bastante em família, construir bastante amizade, valor para com as pessoas, com as coisas que ela tem e ganha.*

7- Alvanir, mãe da Dara (2 anos) – *Quero mais é que ela viva sua infância, eu me criei cuidando dos meus irmãos e eu quero mais para ela. Procuro comprar brinquedos de montar, cuidar da sua alimentação, conversar bastante, mas colocar um limite quando necessário.*

8- Marivete, mãe do Dieninson (3 anos) – *Não sei o que quero para meu filho.*

9- Diovania, mãe do Alex (5 anos) – *Criança tem que ter ocupação de brincar, fazer amizade com outras crianças.*

10- Rosicler, mãe da Gabriela (2 anos) – *Na infância da minha filha quero dar tudo que ela precisa: carinho, atenção, estudo e as coisas (referindo-se aos brinquedos).*

11- Rosimari, mãe da Débora (6 anos) – *Na infância a criança tem que aprender a fazer o nome, desenhar...*

12- Solange, mãe da Andrielli (5 anos) – *Na sua infância procuramos ser diferentes, procuramos dar e oferecer tudo para ela viver seu tempo de criança. O tempo de criança não volta mais, tem que aproveitar agora a brincar e a fazer tudo que uma criança precisa.*

Analisando os depoimentos sobre a infância de seus filhos, percebemos que os pais, em sua grande maioria, querem oferecer condições melhores de vida para seus filhos nesse período de vida e posteriormente também, querem garantir o acesso a educação e ao estudo, porém, manifestam grande desejo em garantir que as crianças aprendam. E para eles esse aprendizado vai desde o saber relacionar-se com as pessoas, a valorizar as pessoas e as coisas que possui, a ler as coisas do mundo, até aos momentos do brincar com brinquedos e com objetos, a escrever o nome, a desenhar e a se comunicar com os outros.

Outra questão evidenciada nas falas dos pais está relacionada à construção de valores humanistas, saber respeitar e valorizar as pessoas, construindo uma relação de amizade, de muito diálogo e carinho.

A garantia do direito ao brincar e do brinquedo está muito presente quando falam *deixar viver a infância , oferecer tudo para que ela possa viver seu tempo de criança, criança tem que brincar.* Concordamos com esses depoimentos, pois a criança não pode viver a infância fora da ação do brincar. É na ação do brincar que acontece o fazer, o deixar fazer, o experimentar, o interagir, o descobrir e o explorar o meio à sua volta.



Figura 16 – Ciranda Infantil – COOPAN – Crianças brincando livremente

Buscamos também, através das entrevistas, os depoimentos dos pais em relação à Ciranda Infantil, enquanto sonho, expectativas, propostas,... que foram assim expressadas e argumentadas:

1- Carlos Alberto, pai da Anaterria (4 anos) – *Se trata a Ciranda Infantil como um espaço para liberar a mão de obra da mulher e é preciso fazer da Ciranda Infantil um processo educativo, informativo e aprender a viver no coletivo. O que ela aprendeu na Ciranda Infantil foi a dividir o lanche, brincar com todas as crianças, cuidar das crianças e cuidar o espaço da Ciranda plantando flores, regando, limpando a sala...*

2- Maria, mãe da Miriam (5 anos) – *É muito bom o trabalho na Ciranda Infantil, elas aprendem todo o trabalho do pré, copiar as letras na linha e aprender a se relacionar com as outras crianças, pois era muito nervosa quando pequena. É uma tranqüilidade pois estão bem cuidados. Ela guarda todos os trabalhinhos que faz na Ciranda Infantil.*

3- Anoir, pai da Jéssica (6 anos) – *A gente sempre precisa da creche, estão lá aprendendo coisa boa e não ficam à toa. Esperamos montar uma estrutura melhor, queremos que seja melhorado os cuidados para as crianças, como um fogão, uma cozinha, uma cama. A creche ajuda muito, assim é os dois que podem trabalhar.*

4- Beloni, mãe da Jaqueline (6 anos) – *Em vista do que começou a Ciranda Infantil está boa. Precisa funcionar a Ciranda Infantil para que a mão de obra se libere.*

5- Alvanir, mãe de Dara (2 anos) – *A Ciranda Infantil é importante, pois a criança costuma a participar, a viver no coletivo. Os trabalhos que são realizados de recortar, escrever, o contato com os livros, cadernos, para a maioria das crianças é o único espaço para contato com esses materiais, muitos pais da cooperativa não investem nesses brinquedos e materiais.*

6- Marivete, mãe do Dieninson (3 anos) – *Na creche ele se solta, tem adoração de ir lá, já fala os nomes dos amiguinhos. Nunca perguntei como ele é na creche.*

7- Diovania, mãe do Alex (5 anos) – *Na Ciranda Infantil as crianças têm que brincar mais e também aprender. Deveria ter mais brinquedos, balanços, aprender mais, pintar, desenhar e escrever... mas às vezes a Baixinha não tem tempo. O Alex faz dois anos que frequenta a Ciranda Infantil e aprendeu bem pouca coisa.*

8- Rosicler, mãe da Gabriela (2 anos) – *Quando ela começou ir na Ciranda Infantil falava bem pouco, lá ela aprendeu a falar mais palavras. As coisas que ela fala, fala certo. As crianças aprendem a repartir, fazer amizade. Ela sente falta da creche, quando não vou trabalhar algum pouquinho ela tem que ir lá.*

9- Rosimari, mãe da Débora (6 anos) – *Ela aprendeu mais na creche do que na aula. Ela faz desenhos, recorta e brinca. Gosto do jeito que elas (as educadoras) tratam das crianças, elas estão sempre forçando as crianças.*

10- Solange, mãe da Andrielli (5 anos) – *Ela gosta de brincar na Ciranda Infantil, aprendeu a se relacionar com as outras crianças porque até aos três anos ficou em casa comigo. Acho uma coisa muito boa, é um quebra galho quando a gente precisa sair, se não fosse a Ciranda Infantil como a gente iria se virar?!*

Analisando os depoimentos dos pais em relação à Ciranda Infantil, destacamos algumas questões que vão permeando as falas, tornando comuns as expectativas, os sonhos, para com seus filhos nesse período de vida:

Fica bem evidenciado que as crianças gostam de ir e de ficar na Ciranda Infantil, porém o desejo dos pais é que elas aprendam, e esse aprender vai desde as formas de relações e convívios com outras pessoas, o recortar, o colar e o traçar as letras, o aprender a



Figura 17 – Ciranda Infantil – COOPAN – Crianças brincando livremente

repartir, a viver no coletivo,... Entendemos que essas questões apontadas, tanto no que se refere à aprendizagem, como às questões de valores, são construídas através das ações concretas do dia-a-dia da Ciranda Infantil e das atividades desenvolvidas e vivenciada pelas crianças. Essas atividades vão desde a organização das rotinas como a hora do lanche, do ouvir história, do brincar no pátio...até a organização das regras para realizar as brincadeiras.

Ninguém questiona a conquista da Ciranda Infantil, enquanto espaço dentro da cooperativa. Todos afirmam a sua importância para deixar as crianças, seja para os pais trabalharem ou em outras ocasiões quando a família necessitar. Porém, antes de tudo, é um espaço de aprendizagens, onde se aprende a cuidar e a organizar os ambientes da Ciranda Infantil, a ter contato com diferentes materiais (tesoura, cola, livros, revistas, canetas, lápis, folhas etc) e também a se relacionar com diferentes pessoas.

Há um espaço garantido e construído para a criança ficar na Ciranda Infantil, mas há também um forte desejo, que é manifestado, tanto pelos pais como pelas educadoras, de que a Ciranda Infantil precisa ser diferenciada. Já há várias propostas de como e em que poderá ser diferente, tais como: fazer algo diferente com as crianças e apresentar para os pais e os sócios; conversar com os pais, informalmente e formalmente, sobre o que seus filhos realizam, deixam de realizar, gostam de fazer, as dificuldades que enfrentam, os avanços que obtiveram, o que estão conseguindo aprender e tantas outras propostas que foram manifestadas. Faz-se necessário que os responsáveis pela Ciranda Infantil trabalhem a sua especificidade com o conjunto da cooperativa, para que assim se concretizem essas ações, considerando, acima de tudo, os benefícios para as crianças participantes do processo.

Cabe salientar que a valorização desse espaço específico para a criança não implica em querer integrá-la no sistema regular de ensino conforme prevê a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9394/96). Ao contrário, inicialmente a cooperativa, através dos seus dirigentes e das educadoras, manifestaram interesse e foram investigar os procedimentos para a oficialização da Ciranda Infantil, pela vinculação do sistema regular de

ensino. A Delegacia de Educação de Canoas informou que caberia à cooperativa viabilizar todo o processo legal junto a Secretaria Municipal de Educação do Município de Nova Santa Rita, e que o processo de acompanhamento também se daria pela referida secretaria. E foi esse acompanhamento da SME que preocupou a direção da cooperativa e as educadoras. Vejamos o depoimento delas: *Aí é que vem a preocupação do pessoal, eles vão pegar gente de fora para vir trabalhar com as crianças, não é a gente aqui de dentro. É o que acontece com a nossa escolinha²⁸, está fora da lua, porque os professores vêm de Porto Alegre dar aula e não conhecem nada da nossa realidade.*

Através das entrevistas, as educadoras deixaram bem claro que não querem mais buscar e lutar pela vinculação da Ciranda Infantil ao sistema de ensino regular, por medo das conseqüências dos aspectos legais que o processo irá exigir. Segundo elas, com a oficialização, a Ciranda Infantil irá modificar todo o seu jeito de organização, sua metodologia de trabalho e argumentam: *daí vamos precisar ter pedagoga, psicóloga, médico e toda uma infra-estrutura padrão, imaginem, a cultura que nós queremos não é essa, a cultura da cidade. Daí se vai toda a nossa cultura e vão ser eles que vão colocar as ordens e tudo vai funcionar como eles querem e não como nós queremos.* A direção da cooperativa e as educadoras têm conhecimento que essa oficialização é um direito assegurado em lei e, por medo de perder o espaço, resolveram não reivindicar e lutar mais por ele, afirmando: *se a nossa definição fosse ao contrário, com certeza iríamos lá lutar até conseguir.*

Através dessa decisão tomada em não querer a oficialização da Ciranda Infantil vinculada ao sistema regular de ensino, entendemos que foi uma perda muito grande, tanto para a cooperativa, como para o Assentamento e, também, para toda a comunidade Capela de Santana, representados por suas crianças na primeira infância. Assim sendo, essa decisão não levou em consideração outros aspectos que iriam beneficiar a Ciranda Infantil, como,

²⁸ No início do Assentamento as educadoras infantis, Beti e Reni foram também professoras da Escola Municipal Rui Barbosa e foram substituídas por professoras efetivas da rede de ensino e essa atitude causou uma certa mágoa, que fica bem evidente na fala da educadora Reni quando falava da oficialização da Ciranda Infantil: "Lá na escola fica tudo muito claro, as nossas crianças não gostam da escola e a cooperativa largou de mão porque era sempre nós que brigava e daí não nos metemos tanto. Quando nós dávamos aula ali, os pais, os outros pais falavam que a gente dava aula só do Movimento, então tem que deixar quebrar mesmo, para ver como que fica"



Figura 18 – A casa da Ciranda Infantil – COOPAN - 2001

por exemplo, um maior número de crianças iriam circular na Ciranda Infantil, porque viriam do Assentamento e das proximidades da comunidade Capela de Santana, com isso a mesma deixaria de ser somente da cooperativa. Entendemos que esse foi um dos fatores decisivos pela não oficialização da Ciranda Infantil, pois desde o começo, um dos critérios estabelecidos pelo grupo coletivo, era que a creche seria somente das crianças cujas mães fossem prestadoras de serviços para o coletivo. Esse critério continua tendo validade até hoje.

5.2- A organização e a participação da Ciranda Infantil nas atividades

Quando iniciamos a pesquisa na Ciranda Infantil da Coopam, a mesma funcionava num espaço improvisado, pois a casa da Ciranda Infantil fora emprestada para uma família morar, (recentemente sócia da cooperativa), até que a sua casa fosse construída. Enquanto



Figura 19 – Ciranda Infantil COOPAN – Crianças realizando atividades - 2001

isso a Ciranda Infantil ocupou o espaço do salão de festas, um local agradável, com bastante claridade, ventilação e uma boa área externa com muita sombra e espaço para as crianças circularem.

O que torna esse ambiente um espaço de crianças, é uma caixa grande com diversos e diferentes brinquedos e objetos, duas mesinhas e vinte cadeirinhas. A caixa de brinquedos é resultado da campanha realizada na cooperativa, e as mesinhas e as cadeirinhas, a Ciranda Infantil da Coopam recebeu através de doação²⁹, no início do segundo semestre de 2000.

No mês de dezembro de 2000 a Ciranda Infantil voltou a seu espaço definitivo, que passaremos a descrever: É uma casa de madeira pequena e simples. Na parte da frente tem uma área e na seqüência dessa, porém pelo lado de dentro, o banheiro. Internamente há somente uma divisória, que seria o quarto. Tem duas prateleiras de livros, revistas e jornais para recorte e livros de leitura da literatura infantil e também outros materiais, como tesoura, lápis, folhas, canetinhas. As mesinhas e as cadeirinhas estão organizadas na sala, onde são realizados os trabalhos das crianças e às vezes as crianças as utilizam para fazer o lanche. Os

²⁹ Não foi possível obter a informação sobre quem fez as doações.

trabalhos de recorte, colagem e outros, são expostos na parede com o nome da criança e sua idade. Também fazem parte da ornamentação do espaço físico da Ciranda Infantil, cartazes sobre a luta do MST, cartazes de crianças e de animais. No fundo da sala tem uma prateleira com bonecas e ursinhos decorativos. No quarto tem um sofá, um colchão e bastantes brinquedos “ velhos “ no cantinho. Na parte externa da casa tem dois canteiros com flores e folhagens e não há nenhuma árvore de sombra para ajudar a amenizar o calor ou para as crianças poderem brincar no pátio. Há apenas a ajuda do ventilador. Não há uma orientação pedagógica clara na organização do espaço.

A casa da Ciranda Infantil fica bem próxima ao parque infantil, mas também nele não há árvores de sombra, as árvores existentes são pequenas, porque foram plantadas recentemente.



Figura 20 – Ciranda Infantil no Parque Infantil – COOPAN 2001

O parque infantil é uma conquista não somente da Ciranda Infantil enquanto espaço de brinquedo, mas de todas as pessoas – grandes e pequenas, que moram na agrovila da Coopam. O parque foi construído no ano de 2000 e contou com o trabalho do grupo de crianças estudantes de 1ª a 4ª série da escola, no turno oposto à aula, juntamente com as educadoras infantis da Ciranda Infantil, que também são responsáveis em acompanhar esse grupo de alunos em algumas atividades, conforme encaminhamento da própria cooperativa, onde ajudaram a construir o parque, organizaram os pneus nas árvores e pintaram todos os brinquedos do parque. A construção do parque também teve envolvimento e a participação



Figura 21 – Ciranda Infantil no parque infantil – COOPAN - 2001

dos pais e das crianças. O Arlei , do Setor de Educação do MST do Estado do Rio Grande do Sul, assessorou a construção do parque infantil.

A educadora Lurdes consegue expressar bem a satisfação em ver o parque construído e utilizado pelas crianças: *A questão do parque nós vínhamos discutindo há anos, nunca foi feito. Agora a gente pegou e construiu . Agora precisamos fechar com tela .*

Hoje podemos dizer que o parque é um lugar de encontro diário das crianças pequenas e suas mães. Observamos entretanto que as mães e seus filhos não vão diretamente ao parque. O primeiro ponto de encontro passa a ser a Ciranda Infantil. Com isso, fica claro uma nova e interessante atitude, que é a presença das crianças e das mães visitantes na Ciranda Infantil.



Figura 22 – Crianças e mães da agrovila no parque infantil – COOPAN - 2001

Designamos o nome “crianças visitantes da Ciranda Infantil”, para nos referirmos às crianças que não freqüentam a Ciranda Infantil, mas moram na agrovila e ficam sob os cuidados de suas mães, passam pela Ciranda Infantil e acabam participando, por um determinado tempo, das atividades que as crianças estão realizando. Esse processo é muito natural, as crianças visitantes se agregam às atividades com muita facilidade e as crianças da Ciranda recebem e acolhem muito bem as visitantes. E para as mães visitantes, é na Ciranda que elas amamentam seu bebê, trocam idéias sobre a educação dos filhos, deixam seus filhos para ir buscar o leite,... e quando o sol permite, com sua temperatura agradável, vão todos para o parque infantil brincar.

As crianças da Ciranda Infantil também participam em algumas outras atividades, como nos conta a educadora Lurdes: *Uma atividade que foi feita e marcou foi a apresentação de uma mística que contava a nossa história da luta pela terra, para um grupo de estudantes, que vieram visitar a cooperativa. E as crianças da Ciranda Infantil e do colégio fizeram apresentação dessa mística . Foi muito bonito.*

Outra atividade que envolveu a participação das crianças da Ciranda foi o Acampamento dos Sem Terrinha. Nós estávamos em doze pessoas na barraca do Acampamento. Nessa atividade a Ciranda Infantil participou com as crianças maiores, as demais foram somente visitar com a “Baixinha”. A atividade teve duração de dois dias. Quando chegamos lá, montamos o Acampamento – montamos o fogão e formamos as equipes de trabalhos: equipe para puxar a lenha; equipe do almoço, composta por duas crianças, mais a ajuda das educadoras Reni, Beti e Lurdes; equipe para arrumar a salada e puxar água. Para dormir, cada um levou roupa de dormir e colchão de casa e dormíamos todos juntos. Bem cedo acordávamos e íamos arrumar o café, para depois irmos para as programações do encontro. As atividades do encontro e o estudo foram muito importantes, porque foi debatido o que eles queriam, as melhorias que queriam no colégio, no Assentamento e no Acampamento. Assistimos às apresentações artísticas.

Continua relatando a educadora Lurdes: *No dia seguinte do dia da criança, nós fizemos uma festinha para todas as crianças da cooperativa com diversas brincadeiras. No natal, organizamos uma confraternização entre as famílias sócias da cooperativa, e teve amigo secreto; eram as crianças que entregavam o presente para o amigo secreto da sua família. Atividade com os pais da Ciranda Infantil, nunca fizemos, mas Eu e a Baixinha estamos planejando em fazer uma apresentação artística aqui no Assentamento, arrumar elas diferente, com roupas, maquiagem e fazer uma apresentação num domingo para os pais das crianças, para o Assentamento, para que os pais saibam o que a gente faz com as crianças e que elas não “ficam somente lá”.*

É bom registrar que os Encontros dos Sem Terrinha fazem parte das atividades de mobilizações infantis no MST, que têm como um dos seus objetivos:

(...) – possibilitar às crianças, que nasceram no assentamento ou aqueles que eram muito pequenas quando sua família estava acampada, um momento para reviverem a experiência vivida pela família, nos acampamentos, contribuindo para a formação da identidade cultural da criança assentada, (...) (CRIANÇAS..., [1999], p. 36).

Outra atividade desenvolvida na cooperativa, e que tem como responsáveis as educadoras infantis, é o trabalho com as crianças maiores, isso é, as crianças de 1ª a 4ª série, que é organizado e desenvolvido no contra turno das mesmas. Contando sobre esse trabalho a educadora Lurdes faz o seguinte depoimento: *O que nós tínhamos planejado e depois a gente parou foi o trabalho com as crianças maiores, para ir envolvendo-as nas atividades da cooperativa. A atividade em que elas mais foram envolvidas foi na construção do parque infantil e agora é o momento de retomarmos esse trabalho com as crianças de 1ª a 4ª série, que será organizado no contra turno.*

Para tratar dessa questão, no dia vinte e seis de janeiro de 2001 foi realizada a reunião com todos os pais cooperativados para discutirem e tirarem os encaminhamentos sobre o que irão fazer, sobre a ocupação do tempo das crianças que não participam mais da Ciranda Infantil e com todos aqueles que vão para a escola, no turno inverso da aula. Nessa reunião ficou definido que Lurdes, Valéria e Alvanir são as responsáveis para fazer esse trabalho, pela cooperativa.

Uma nova ação realizada com o conjunto dos sócios da cooperativa, foi a vinda de um psicólogo para realizar uma palestra sobre como educar os filhos, se relacionar com eles e como trabalhar o limite das crianças. Para essa atividade o convite foi estendido para todo o Assentamento. Sobre o resultado desse trabalho, a educadora Alvanir dá o seguinte depoimento: *São esses espaços de formação que também vão contribuir com o avanço da participação da grande maioria de pais , dos sócios solteiros e do conjunto da cooperativa.*

5.3- Atividades desenvolvidas hoje na Ciranda Infantil

Há uma semelhança nas atividades desenvolvidas no início da creche para hoje, na Ciranda Infantil. No início havia pouquíssimo material, como recorda a educadora Reni: *Fazíamos mais brincadeiras, as crianças vestiam roupas velhas e brincavam de palhaço. Ajuntávamos sucata para brincar na areia . Brincávamos muito na areia. Na época nós não tínhamos papel para escrever.*

No início do trabalho da creche na agrovila havia muitas crianças pequenas e as atividades desenvolvidas com elas eram a colagem, como nos conta Lurdes e Valéria: *Uma das coisas que a gente fazia com eles, era colagem. Para realizar essa atividade com eles, a gente sempre pedia para eles trazerem o material de casa, como tesoura, revistas ... Na creche a gente fazia a cola e só então realizávamos os trabalhos com eles. De vez em quando a gente solicitava para os pais comprar lápis de cor e mais tarde, conseguimos através de doação, lápis de cor e um caderno para cada criança.*

E hoje, nas falas das educadoras, ainda está bem presente, como também nas próprias atividades realizadas, o recorte, a colagem e foram acrescentando o desenho livre e brincadeiras no parque.

Através da observação participante constatamos que não há um planejamento e um preparo, uma organização do espaço físico da Ciranda Infantil com antecedência ou anteriormente a chegada das crianças. A educadora chega na Ciranda Infantil acompanhada de algumas crianças e inicialmente se dá a organização dos ambientes, com a ajuda das próprias crianças que manifestam tal desejo. Organizam os materiais, limpam mesinhas e cadeiras e, enquanto isso, a educadora varre, passa pano etc.

Assim acontece com as atividades, nada pensado com antecedência, as crianças escolhem o que fazer, com quem fazer, o tempo que querem desenvolver tal atividade, ou através da indagação da educadora: *O que vocês querem fazer hoje?* E não há proposição do que fazer por parte das educadoras. As crianças maiores escolhem o recorte, a colagem e o

desenho, para as menores a caixa de brinquedos é derramada na frente das crianças e para os bebês são selecionados alguns brinquedos, lavados e entregues para cada bebê, como declara a educadora Alvanir: *Para as crianças maiores, não precisa a gente preparar as atividades, elas mesmas escolhem as atividades, o que querem fazer e se organizam para realizar as mesmas.* Quem coordena as brincadeiras são as próprias crianças que mais estão a fim de brincar, elas dão a idéia, a sugestão da brincadeira ou da atividade e vão convidando as demais para brincar com elas.

Mas a educadora Lurdes destaca a importância da organização dos tempos da criança através do seguinte depoimento *teve uma época que a gente começou a determinar um horário, fizemos um cartaz das brincadeiras que a gente fazia, desde a entrada da Ciranda Infantil, com uma hora para eles ficarem lá dentro recortando e colando, uns vinte minutos para eles comerem o lanche, mais uma hora para eles brincarem de brincadeiras de roda e depois, no final da tarde a gente pegava a bola e daí largava eles lá fora.*



Figura 23 – Ciranda Infantil – Crianças trabalhando com recorte – COOPAN – 2001

O momento em que as duas educadoras tiram para realizar seu plano de trabalho da Ciranda Infantil, é o mesmo período que os setores da cooperativa se reúnem para avaliar seus trabalhos, realizar o próximo planejamento. Não podemos esquecer que a Ciranda Infantil é um setor da cooperativa e, sendo assim, presta contas dos seus serviços nas

reuniões e assembléias da cooperativa, como qualquer outro setor. Não tivemos acesso ao planejamento do setor Ciranda Infantil, por vários motivos: a educadora Baixinha esquecia de pegá-lo junto à pessoa responsável da cooperativa e ficou de enviá-lo e não chegou. Porém, a mesma educadora relata que das atividades previstas para esse plano que está em andamento, constam as seguintes atividades que serão desenvolvidas junto às crianças: fazer os canteiros para plantar flores na Ciranda Infantil, lavar os bebedouros dos pintinhos no aviário, ajudar a limpar o pátio, varrer as salas, tirar o pó, lavar e guardar os brinquedos.

Durante a realização da pesquisa, fizemos intervenções na questão das atividades, para subsidiar os recursos materiais, para estar propondo, sugerindo uma possibilidade, dentre tantas, para as educadoras trabalharem com as crianças. Chegamos à Ciranda Infantil levando várias sacolas com diferentes caixinhas, potes diversos e vários pares de meias infantis usadas. Foi uma alegria. Brincaram de explorar o que tinha dentro das caixinhas – o abrir e o fechar, o cheiro bom e o cheiro ruim, a caixa que tem cheiro e a caixa que não tem, e depois foram construir caminhões, cadeiras, casas fechadas e abertas com móveis dentro. Um costume das crianças é fazer os trabalhos e já levar para sua casa com medo que os coleguinhas estraguem seu trabalho. Mas em nenhum momento a educadora propôs para as crianças brincarem juntas com seus brinquedos confeccionados, ou organizar com as crianças um espaço para exposição dos trabalhos. Com isso poderiam começar a desenvolver a questão do cuidado, do valor, dos trabalhos para cada um e para todos, trabalhando com os conflitos e os medos que a criança tem em relação às suas coisas, mas, também, respeitando o que os outros sentem.

Com as meias, propomos que fossem confeccionados bolinhas. Para algumas crianças a primeira atividade foi jogar a bola nas outras, causando muito choro e queixas, mas logo surge uma idéia do que fazer: jogar basquete. Logo se organizaram, o balde pendurado na árvore, a fila que envolveu a participação de todas as crianças e a marcação da pontuação. O jogo de basquete repetiu-se em vários momentos. O mesmo não aconteceu com os potes, eles ficaram lá no chão, posteriormente em uma caixa e sem nenhuma

iniciativa por parte das educadoras em propor, criar algo para despertar o interesse e a iniciativa criadora das crianças.

Quanto ao lanche das crianças da Ciranda Infantil, as crianças trazem o lanche de casa, porém para comer o lanche não é nada organizado, ou melhor ainda, o lanche não tem horário para acontecer, quem sente fome vai lá na mesa, pega seu lanche e come.

Algumas crianças lembram de lavar as mãos e quando vão lavar, vão todas juntas, disputando o uso da pia. Não há organização para lavar as mãos e secam as mãos na roupa. Na hora de comer, tanto faz permanecerem sentadas ou continuarem caminhando (assim os farelos aparecem e com eles as moscas).



Figura 24 – Ciranda Infantil – Hora do Lanche – COOPAN - 2001

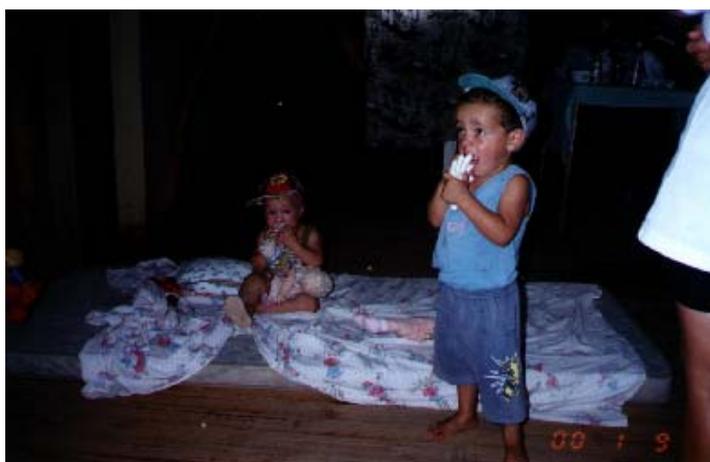


Figura 25 – Ciranda Infantil – Hora do Lanche – COOPAN - 2001

Outra questão observada é relativa à falta de diálogo com as crianças, não há uma vivência do conversar sobre as questões da vida da criança, da Ciranda Infantil, do que elas gostam, sonham, desejam, do que aconteceu, sobre seus brinquedos, seus amigos, sobre o que é bom, ... Essa falta de diálogo acontece principalmente em relação às crianças menores, não se conversa com elas sobre sua fome, se querem comer, sobre o que sua mamãe preparou de lanche para ela, dizer que é gostoso, perguntar se a criança está com sede. Um exemplo claro disso aconteceu com a Gabriela, de dois anos, que não tinha comido nada depois que chegou na Ciranda Infantil.

Um exemplo de como se educa através dos momentos da alimentação é dado por Gabriel Junqueira:

(...) ou ainda quando uma educadora dá de comer a uma criança:-
Marina, que delícia está esta sopa! O que será que tem desta sopa?
Batata? Cenoura?... Quando eu era pequena, bem pequena, minha mãe
me dava sopa de feijão com massinha que eu adorava, comia tudo,
tudo! (JUNQUEIRA FILHO, 1998, p.)

Houve dias em que o lanche era mais organizado, com todas as crianças sentadas em volta das mesinhas para comer. Às vezes as educadoras também levavam um lanche para repartir com todas as crianças. Para ilustrar, vamos relatar um momento de lanche das crianças, que observamos durante a pesquisa: A educadora Lurdes fez um bolo de milho para o lanche, os pedaços de bolo foram colocados em cima da mesa, que ficou cheia de farelos. A Gabriela ganhou um pedaço grande de bolo e o que fez foi só farelo pelo chão, a cada mordida. Depois que acabou o lanche as crianças foram brincar livremente, enquanto as educadoras limpavam o espaço do lanche. E em nenhum momento as crianças foram questionadas ou solicitadas para primeiro ajudar a organizar seu espaço e só depois irem brincar.

A educadora Lurdes, continua analisando os procedimentos tomados em relação a organização das rotinas das crianças, quando questionada sobre a hora do lanche. Fez o seguinte relato: *Teve uma época em que o lanche tinha hora marcada para as crianças*

comer . No início de 1997 eles pediam o lanche, a gente dava, continuavam pedindo e a gente continuava dando. Depois a gente começou a determinar um horário. O horário do lanche deu certo . As crianças continuavam pedindo lanche e nós falávamos: Qual é o horário do lanche? Vamos lanchar todo mundo junto? Daí começamos naquele horário e ficou, a não ser para os pequenos que era um atendimento diferenciado. Mas a organização é importante, continua Lurdes, a criança começa a ter disciplina, a respeitar os horários de comer, brincar, parar ... pela importância precisamos retomar, pois ajuda muito. Daí, vamos todos juntos para uma atividade, vamos no banheiro lavar as mãos e também sentar e comer a merenda . Caso contrário a gente começa uma brincadeira e tem que parar porque alguém solicitou sua merenda, daí a gente tem que parar a brincadeira para atender aquela criança e assim atrapalha toda a organização do trabalho com as crianças.

Outro dado observado diz respeito ao local de atendimento às crianças da Ciranda Infantil, pois nem sempre o atendimento se dava no espaço específico, às vezes era na casa da educadora. Isso acontecia quando a educadora prestava outro serviço à cooperativa, como atender a alimentação dos trabalhadores da construção das casas da agrovila. Isso, então, dificultava mais ainda o trabalho com as crianças, elas ficavam mais desocupadas, sem organização de atividades, sem brinquedos, algumas crianças ficavam dentro de casa com a educadora, enquanto outras iam para o parque brincar. E não houve preocupação com o grupo de crianças que estava lá fora. Sentimos que as atitudes tomadas em relação às crianças são muito espontâneas, muito livres, sem construção de normas e regras de convivência, ficando muito no “tudo pode”. Essa situação acontece mais com uma educadora (Lurdes), que devido a sua demanda de trabalho atende as crianças da Ciranda Infantil, na sua casa. A outra educadora (Baixinha), ficava na sua casa até as crianças chegarem, e depois ia com elas à Ciranda Infantil.

Diante de todos esses encaminhamentos e procedimentos tomados em relação à Ciranda Infantil, através das atividades e do trabalho realizado com as crianças, do atendimento e da garantia das questões básicas para o seu desenvolvimento no que se refere

às dimensões física, afetiva, intelectual e emocional, podemos definir a Ciranda Infantil como um espaço de cuidados da criança e que mesmo assim deixa muito a desejar, pois cuidar exige organização dos horários e do funcionamento da Ciranda Infantil; organização dos espaços de circulação e interesse das crianças; organização dos materiais e brinquedos da Ciranda Infantil; os cuidados com sua higiene e saúde e com as suas manifestações de fome, sono, angústias. O meio nada mais é do que o conjunto mais ou menos durável de circunstâncias nas quais se desenvolvem existências individuais. (WALLON apud WEREBE; BRULFERT, 1986, p. 170)

Pensando na dimensão educativa da Ciranda Infantil, podemos dizer que é válida enquanto concepção e sonho, mas terá que percorrer um caminho com objetivos e ações pensadas com todas as instâncias envolvidas, para que a mesma se concretize nesse processo construído.

6 – CONCLUSÃO

Como fica demonstrado, o MST é um movimento social que nas suas origens e atividades iniciais desconsiderava a questão específica dos direitos da criança, chegando ao ponto de colocá-la em risco em função dos objetivos de mobilização do movimento e de sensibilização da opinião pública para o mesmo.

Assim, vimos como é precário o atendimento e a atenção dada às crianças da faixa etária do zero aos seis anos, na fase das mobilizações e de reivindicações pela posse da terra, no período dos Acampamentos. Daí a importância da proposta das Cirandas Infantis, surgidas dentro do próprio movimento e o que significaram como avanço, mesmo se a proposta ainda não está concretizada de forma organizada, junto às suas crianças. Pelo menos existe enquanto discussão, sensibilização e idéia da importância de se garantir esse espaço.

O Acampamento pesquisado deixou bem evidenciada a necessidade da garantia do espaço para a criança da primeira infância, a fim de que seja garantido o que lhe é de direito. Mesmo que esse espaço seja organizado com encontros eventuais, já será significativo para que possa construir outras referências, outras relações e interações, construindo, então, significados para sua vida. Assim, poderão sair de dentro dos barracos, ou até permanecer

dentro deles, com outra perspectiva. O que importa é que elas enxerguem não somente “uma casa bonita”, mas muitas e tantas outras casas bonitas, para que a sua infância tenha alegria, tenha brinquedos, tenha vivência com outras crianças e, principalmente, com realidade e ações que dizem respeito a elas. Essas ações deverão substituir a participação de vivências tão fortes que dizem respeito somente aos adultos, nesse processo de luta pela terra.

Apesar de ainda precária a Ciranda Infantil da Coopan, do Assentamento Capela, significa avanços importantes nos seguintes aspectos:

a) *Salienta-se como positiva a existência do espaço de direito:*

O espaço de direito, constituído primeiramente através da creche e posteriormente na Ciranda Infantil, para as crianças de zero a seis anos, da cooperativa, e a garantia do espaço de trabalho para a mulher importantes e significativas para todos da cooperativa e também para o conjunto do MST. Para a concretização do espaço de direito, vem a construção do espaço físico específico para a Ciranda Infantil. O depoimento da educadora Reni, vem contribuir para a compreensão desse sentido: *O que marcou na Ciranda Infantil, o que é mais bonito é ter esse espaço para a criança e a nossa organização para ter a creche, para que as mulheres não ficassem dentro de casa e, como dizem, fazendo fofocas. Nos organizamos para a mulher participar do trabalho e não ficar somente domesticada. Isso é uma coisa muito boa e outra foi para as crianças não ficarem nesse mundo individualista e fossem viver um outro mundo, o coletivo, onde elas têm que repartir tudo: brinquedos, saber brincar com os coleguinhas, a ceder, a conversar. É um começo de diálogo!*

b) *A existência de um espaço de prazer:*

As crianças gostam de ir e de ficar na Ciranda Infantil e acreditamos que um desses fatores seja a relação de afeto, de amizade que há entre as crianças. É muito significativa a mistura das crianças de todas as idades, convivendo e se relacionando juntas. Não há distinção das atividades entre as crianças, todas podem participar, tendo

oportunidade de fazer alguma coisa, como também tomar iniciativa de criar e de fazer algo. A Ciranda Infantil é uma referência enquanto encontro de crianças e de mães moradoras na agrovila, criando assim relações e interações entre as crianças da Ciranda Infantil e as outras crianças moradoras do mesmo Assentamento. O parque infantil também é outro ponto de encontro, principalmente no fim da tarde.

c) O surgimento de ações organizadas:

Algumas ações realizadas pelo conjunto da cooperativa e das Educadoras Infantis, foram muito significativas, como a campanha de arrecadação de brinquedos, os materiais disponibilizados para as crianças: tesouras, lápis, livros, revistas, e a construção do parque infantil. Isso tudo veio contribuir para que o trabalho junto às crianças fosse mais criativo, interessante e significativo.

Esses avanços refletem também a maior estabilidade e a melhoria nas condições de vida e de organização dos assentados, em relação à precariedade das etapas anteriores. É considerando esses avanços que apontaremos os limites encontrados no trabalho realizado da Ciranda Infantil, através da pesquisa e da observação participante:

O trabalho realizado pelas Educadoras na Ciranda Infantil da Cooppan não é visto como uma função específica. Não é em torno da educação Infantil e da Ciranda Infantil, mas como um trabalho ao lado de outros. Com isso deixa de se organizar enquanto instrumento de estudo, de planejamento, de elaboração de propostas de avanços, em que sejam pautadas as questões das crianças e de criança com seus pais e com o conjunto da cooperativa, mas, é compreendida como uma função a mais das educadoras, como se estivessem desempenhando suas funções em qualquer outro setor da produção. A educadora Lurdes, quando questionada sobre essa questão, deu o seguinte depoimento: *Eu acho que é a mesma coisa, não muda muito não, acho que deveriam exigir um pouco mais, vir conversar mais com a gente, dar idéias.*

Todas as questões referentes à Ciranda Infantil, são tratadas nas reuniões e assembléias da Cooperativa, juntamente com os outros setores, pois a Ciranda Infantil é um Setor a mais. Com isso fica a percepção, tanto nas falas dos pais como das educadoras, do quanto é necessário se ter um momento para diálogo para conversar sobre as crianças: o que fazem, como fazem, seus avanços. É necessário definir propósitos significativos e úteis para as crianças junto à Ciranda Infantil e à cooperativa, oportunizando a elas todo o processo de desenvolvimento através das ações concretizadas para que a sua participação fique maior na realização e na busca para alcançar os propósitos inicialmente desejados.

Na Ciranda Infantil da Coopam, faz-se necessário a organização do espaço e o planejamento das principais ações desenvolvidas com as crianças. Junto a esses elementos de organização, vem a previsão dos tempos e das rotinas que precisam ser organizadas, tais como: os principais momentos para a higiene e a alimentação das crianças, a organização das brincadeiras e dos trabalhos realizados tanto livremente como dirigidos/orientados pela educadora. Entendemos que a aprendizagem da criança se dá através da ação e não somente do falar e do explicar para elas. Faz-se necessário vivenciar as noções básicas de higiene e organização, saber pegar e guardar os materiais, a organização em diferentes tempos. Ou seja, é urgente a construção de uma pedagogia vinculada à melhoria dos cuidados para com a criança na Ciranda Infantil.

Nota-se que a coordenação da cooperativa considera a Ciranda Infantil como um setor a mais para favorecer a produção através do trabalho das mães. É ainda pequena a consciência das especificidades e necessidades da criança pequena.

O processo de organização e de implementação das Cirandas Infantis do MST, junto à sua base social, tem muito ainda que percorrer para que a educação das crianças pequenas atinja os patamares desejados. A especificidade do Movimento não significa que suas crianças sejam radicalmente diferentes das crianças em geral. Um movimento, mesmo que se pretenda revolucionário, não tem como negar todo o conhecimento pedagógico já acumulado pela humanidade. Há que saber equacionar o direito à igualdade com o direito à

diferença, como nos afirma Boaventura (1995, p.41): temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMANAQUE Abril 98. 24 ed. São Paulo: Abril, 1998.

ALMEIDA, José. **A implantação da indústria automobilística no Brasil.** Rio de Janeiro, FGV/ Serviços de Publicações, 1972.

SANTOS, Boaventura de Sousa . **A construção multicultural da igualdade e da diferença.** Rio de Janeiro: 1995. Palestra proferida no VII Congresso Brasileiro de Sociologia, 1998, Rio de Janeiro.

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra.** Salvador, Memorial das Letras, 1999.

BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil:** 1988. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1988.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola Infantil: pra que te quero. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. (Org) **Educação infantil:** p'rá que te quero? Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1998. p.09–18.

CALDART, Roseli Salete. **Educação em movimento:** Formação de educadoras e educadores no MST. Petrópolis, Vozes, 1997.

PINTO, Zé. Ciranda Infantil. In: MOVIMENTO DOS SEM TERRA (Org.) **Plantando Cirandas.** São Paulo: MST, [199-] 1 compact disc, faixa 8.

DORNELLES, Leni Vieira. Na escola infantil todo mundo brinca se tu brincas. In: CRAIDY, C. M., KAERCHER, G. (Org) **Educação infantil: p'rá que te quero?** Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1998. p. 89–97.

ESTATUTO da Criança e do Adolescente: lei n. 8.069/90. Porto Alegre: MNMMR, 1994.

ESCOLA itinerante em acampamentos do MST. [São Paulo]: MST, [1998]. (Coleção Fazendo Histórias, n. 1).

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. Conversando, lendo e escrevendo com as crianças na educação infantil. In: CRAIDY, C. M., KAERCHER, G. (Org) **Educação infantil: p'rá que te quero?** Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1998. p. 123–139.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis, Vozes, 1996.

PORTO ALEGRE. Câmara Municipal. Comissão de Defesa do Consumidor e Direitos Humanos. **Meus direitos de criança.** Porto Alegre, 1997.

CRIANÇAS em movimento: as mobilizações infantis no MST. Porto Alegre: MST, [1999].

OLIVEIRA, Zilma de Moraes et al. **Creches: crianças, faz de conta e cia.** 7. ed., Petrópolis, Vozes, 1999.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. **Análise do desenvolvimento humano enquanto uma construção através de uma rede dinâmica de significados.** Ribeirão Preto: USP/CINDEDI, 1997 a. Não paginado.

____. **A primeira relação afetiva.** [S. l.: s. n.], [199-] No prelo.

____. **Os fazeres na Educação Infantil.** São Paulo: Cortez, 1998.

____. O tornar-se humano. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 49., 1997, Belo Horizonte. **Anais da ...** Belo Horizonte: SBPC, 1997 b. v. 1, p. 368-371.

REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca.** 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

STÉDILE, João Pedro. **A reforma agrária no Brasil.** [S. l.] : Ed. Atual, 1996.

_____. João Pedro; GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio. **Assentamentos:** a resposta econômica da reforma agrária. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mauçano. **Brava gente:** a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

WEREBE, Maria José Garcia ; BRULFERT, Jacqueline Nadel. **Henri Wallon.** São Paulo: Ática, 1986

8 – BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia:** um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo editorial, 1997.

BIHAIN, Neiva Marisa. Educação infantil: construindo uma nova criança. **Boletim da Educação:** MST, São Paulo, n. 7, jul., 1997.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cor, som e movimento:** a expressão plástica e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre, Mediação, 1999.

D' INCAO, Maria Conceição; ROY, Gérard. **Nós, Cidadãos:** aprendendo e ensinando a democracia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

FONSECA, Claudia. **Caminhos da adoção.** São Paulo: Cortez , 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KUHLMANN, Moysés. **Infância e educação infantil:** uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MARTINS. José de Souza. **O massacre dos inocentes:** a criança sem infância no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1991.

PHILIPPE, Ariés. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

SILVA, José Gomes da. **A reforma agrária na virada do milênio**. São Paulo: Abra, 1996.

TIRIBA, Léa. **Buscando caminhos para a pré-escola popular**. São Paulo: Ática, 1992.